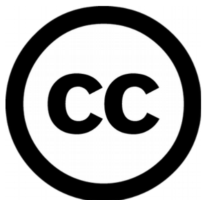
Escarlate

O Assalto ao Dragão

Cárlisson Galdino



Seria só mais uma história de cavaleiro e dragão, não fosse o cavaleiro um bardo e o dragão um antigo e mal resolvido caso de amor.

Escarlate é meu segundo romance escrito na forma seriada (tenho dois romances no estilo mais tradicional).

Sucedendo Jasmim, Escarlate acontece em um outro mundo de fantasia. Numa terra de cavaleiros, magia e dragões.

-- Cárlisson Galdino

Sabe? Eu só queria o teu amor
Mas sei que o seu orgulho sempre foi maior que nós dois

Eu só queria ter certeza
De que não era superficial
E hoje, dez anos depois
Olho pra nós dois
E vejo tudo exatamente igual

A vida dá voltas e eu tento viver
Pensei que pudesse viver sem você
Mas não tem sentido

Quem pode entender um coração de chumbo
Não há luz que ilumine teu olhar sombrio
Mas vou tentar
Te conquistar
Enquanto meu peito disser que sim

Eu só queria ter certeza
De que você valia a pena
Que há uma chance em minha mão
De tocar o seu coração
Ainda que seja bem pequena

A vida dá voltas e eu tento viver
Pensei que pudesse viver sem você
Mas não tem sentido

Quem pode entender um coração de chumbo
Não há luz que ilumine teu olhar sombrio
Mas vou tentar
Te conquistar
Enquanto meu peito disser que sim

- Coração de Chumbo (Cárlisson Galdino)

Episódio 01: Um Dragão

Erans é uma cidade pacata. Daquelas cidades pequenas onde nunca acontece nada. Poucas pessoas moram ali, numa cidade que vive da agricultura. Se é que se pode chamar de cidade um lugar com menos de três mil habitantes...

Plantação de arroz. São homens, mulheres e crianças trabalhando ao sol de quase onze horas. Com chapéu de palha e roupas simples, apenas amontoados de pano.

- Olha aquilo!

Um adolescente aponta para o horizonte espantado. Ainda está muito longe, mas pelos movimentos que faz todos sabem que aquela minúscula figura no horizonte não é nenhum tipo de ave...

- Homens! - É o general da guarda de Erans quem grita. Um homem bigodudo que já traz sua coleção de rugas na testa. E debaixo do seu chapéu militar, não há como esconder o suor que corre. Mais pelo calor ou pelo medo? - Posição!

Todos a postos. Com todas as armas do lado de fora. Das muralhas da pequena cidade. Arcos, bestas, catapultas, lanças... Como se fossem o suficiente para parar a investida de um dragão. E o medo que percorria cada um dos soldados deixava claro que eles sabiam muito bem que esse arsenal não bastaria.

Mas o dragão vermelho se aproxima. Aquela silhueta aumenta, pouco a pouco. Como se o dragão estivesse apenas passeando pelo céu. Mas ele vinha em direção à cidade.

Mas eis que sai dos portões da cidade um guerreiro em seu cavalo. Armado apenas de espada e coragem, mas a um simples olhar ganharia o respeito de qualquer um ali presente. Ele segue até um disparador de arpão e o destrói com um golpe de espada. Perplexos, os soldados apenas observam a cena. Um dos arqueiros ainda deixa escapar uma flecha na direção do guerreiro, mas este a desvia com a espada em pleno ar.

- Alto! - O general brada, mas não é para o guerreiro que acabou de chegar: é para seus próprios homens.

Aquele guerreiro faz um aceno de cabeça para o general e então parte a galope.

Ele, que chegou à cidade há poucos anos, sempre alegre e demonstrando competência em quase tudo o que tentava

fazer, agora partia em direção à enorme criatura vermelha que estava cada vez mais perto. Por isso todos esperam ansiosos o que pode haver.

Mas o dragão já está próximo e Zand, pois este é o nome do bravo guerreiro, se põe de pé sobre o cavalo, com os braços estendidos. Abaixa-se e... Salta para cima com força. Uma garra vermelha e ele some. O dragão se vai deixando homens pasmos, sem saberem se Zand está vivo ou não. Certamente haverá muitas histórias pelos próximos anos. E teremos uma nova lenda...

Episódio 02: Na Serra do Fogo

Em uma das montanhas da Serra do Fogo...

- Knova, Knova... Nunca mais me procurou...

- Meu caro, preciso ficar só, um pouco ainda.

É Zand conversando com uma ruiva bela e altiva. Ele vestindo calções e camisa em tons de verde claro e sem vida. De cabelos lisos castanhos claros e barba por fazer. Ela, em um vestido púrpura com detalhes metálicos, aparentando não mais que trinta anos.

- Já fazem 10 anos! Vocês dragões são mesmo muito estranhos.

- Só fazem 10 anos. Incrível como vocês humanos mudam tanto em tão pouco tempo... Pelo que vejo, deixou a música de lado e agora és guerreiro.

- Ainda sou bardo! - Zand se deita na poltrona barroca que encontra nessa enorme caverna. - Só estou tentando me aperfeiçoar em outras áreas... Mas se ainda não são saudades, o que te fez me procurar? As pessoas são meio assustadas! Chegar lá daquele jeito...

- E quem é você para me censurar?! Zand, o guerreiro-bardo?! Agradeça aos deuses em que acredita o apreço

que lhe tenho: já matei muitos por muito menos que essa ousadia!

- Ok, ok... Foi só um comentário. Desculpa, está bem?

- Não, não está.

- Você fica linda quando está com raiva, sabia?

- Seu aprendizado de guerreiro lhe privou do juízo por acaso?

- Ok, minha bela...

- E então?

- Está bem. - Zand se põe de pé e começa a fazer som percussivo com as mãos.

"Os deuses são fortes
O povo os adora
Por deuses festeja
Luta, ri e chora

Os deuses são fortes
Mas têm a temer
Pois há quem detenha
Um maior poder: São Dragões!

Sim! Dragões!

Há brancos, de prata
De aço e latão
Há verdes, dourados
Com a morte na mão

Há negros, de bronze
Bravos em combate
Mas nenhum se iguala
Ao rubro escarlate"

- Está bom?

- Está aquém dos que você fazia em outros tempos, mas vou aceitar suas desculpas desta vez...

- Nossa... Bem, então obrigado! Sabe, esse tempo todo sem me procurar... Tanta coisa aconteceu e eu com uma saudade de você...

- Que bom pra você. Mas vamos ao que interessa. Aos negócios.

- Tudo bem, vamos então. O que deseja de mim?

- Há três dias me roubaram algumas coisas. E antes que me venha com piadinhas, para que não precise puni-lo por isso, eram um grupo de ladrões furtivos e aliados a magos.

- Deixa ver... E você quer que eu descubra quem foi?

- Sim, e traga de volta a mim meus bens. E essa escória para que possa puni-la.

- Ok, interessante. Mas como vou encontrá-los?

- Pelas obras que roubaram! Eu fiz a relação. Está na primeira gaveta daquela estante. Como você sabe, meus pertences não são vulgares. São únicos! É por eles que você vai rastrear quem os roubou.

- Ok, entendido. Só não entendi uma coisa... Com todo o respeito, você não poderia pesquisar isso na forma humana? Você é linda nessa forma também!

Ela pára um pouco e respira fundo, de costas para Zand.

- Você é bem mais eficaz que eu ao lidar com outros humanos, e para conseguir informações no submundo.

- Ah, obrigado! Primeira vez que ouço um elogio seu?! Estou comovido...

- Elogio?! E quem disse que eu considero aprazível saber lidar com humanos?

- Hmmm... Bem... Não entendo então. Minha cara poderosa Knova procura um "humano" para...

- O que não entende? Vamos embora logo que eu tenho o que fazer.

- Tudo bem então, mas pode fazer um favor?

Ela se volta, claramente sem paciência

- Me deixa um pouco longe da cidade, ok?

Episódio 03: À Cidade

"Knova, Knova... Como é difícil admitir que estava com saudades de mim, hein? É tão fácil dizer: 'Olha, estava passando e vim aqui pra ver como você está'! Mas não... Não pra um dragão. Isso feriria o orgulho deles. Quem costuma dizer que mulheres são complicadas nunca tentou um relacionamento com uma dragoa..."

"Claro, eu sei disso, ela sabe disso. Mas o orgulho é muito mais forte. Claro que eu poderia roubar um beijo ou tentar algo ousado assim. Poderia sim! Mas tem algumas coisas que tenho que fazer amanhã, para as quais estar vivo ajudaria um pouco."

Zand caminha pela estrada deserta que leva à pequena cidade de Erans, onde estava há algumas horas.

"Nem sei porque que eu vou fazer isso. Ajudar a Knova depois de uma abordagem dessas... Fazer o quê, né? Ainda gosto dela, acho. Também, ela não mudou nada! Continua com a mesma beleza e a mesma arrogância de tantos anos atrás..."

"Mas que droga! Não posso chegar a Erans assim... Não hoje. Imagina como deve estar o povo lá! A essa altura todos já devem saber que eu sumi com o dragão. Isso

certamente dificultaria as investigações. Pois bem, fato um: acho que vou ter que recorrer a certos talentos antigos; fato dois: esquece. Nada de Erans: vou ter que ir logo a Diwed..."

Começa um novo dia na grande cidade de Diwed. Uma cidade conhecida por todo o reinado. Seu nome é tão antigo quanto seus pilares e não traz em si nada de muito grandioso ou interessante. É apenas o nome de seu fundador. Um fundador que queria apenas viver sua vida sossegado perto do mar. Grupos de aventureiros passavam pela região com frequência e logo Diwed resolveu montar uma taverna e oferecer hospedagem. O nome de Diwed ficou famoso naqueles tempos entre os viajantes errantes e a cidade foi crescendo como "Terra do Diwed". Muitos grupos de aventureiros já passaram por ali, e continuam passando.

As portas da cidade sequer abriram e já não é pequeno o número de pessoas à espera. Alguns ainda dormindo, mas a maioria na expectativa. Sem pressa, chega mais um visitante a cavalo. Aproxima-se aos poucos, evitando outros visitantes, sob seu gorro. Atitude que não é estranhada, pois é fato sabido que muitos camponeses simplesmente não confiam em aventureiros. E ali temos

dezenas de aventureiros em potencial. Mas o recém-chegado não é um camponês.

A montaria é a mesma de antes: o velho Tornado, Zand teria tido sorte? Não, não um aventureiro de tamanha experiência. Ele tem seus próprios métodos. E vem em direção aos portões, sem chamar muita atenção, justamente no momento em que estão prestes a abrir.

"O colar da rainha Kreez... Deve ter uns 600 anos. Com uma pérola enorme e com textura modificada por processos mágicos. Ouvi falar muito dele. O cajado de Juan Ecyola, mago lendário. Dizem que podia fazer absurdos com ele! Anéis, anéis... Uns dez nessa lista. Pelo menos três eu conheço. Realmente, esse povo fez um bom trabalho! E a Knova estava certa: com certeza seus bens não são vulgares. Vamos ver, por onde começo..."

A cidade está movimentada, mesmo tendo sido aberta há tão poucos minutos. A ala comercial já pode ser vista mais adiante. Nela, dezenas e dezenas de barracas. E algumas lojas em prédios também. Zand não vai a outro lugar.

Por entre as barracas, Zand abre caminho em direção a um lugar que conhece bem. Um arqueiro pára a encará-lo no trajeto, mas continua seu caminho. Zand foi conhecido tempos atrás, mas mudou a aparência desde aquele

tempo. Há risco de ser reconhecido, mas o mais provável é que pensem ter se enganado e sigam adiante.

Seu destino é bem definido: a Hospedaria Dragão do Mar. Um nome um tanto estranho, mas um lugar agradável.

Episódio 04: Dragão do Mar

- Bom dia, senhor. Em que posso ser útil?

- Preciso de um quarto. E de um lugar nos estábulos para o Tornado. - Zand se dirige ao senhor do balcão de maneira simples e direta, tentando evitar ser reconhecido e ao mesmo tempo tentando não parecer que não quer ser reconhecido.

- Pois não, senhor. Tenho um quarto. Deixe-me pegar a chave.

Zand olha à sua volta e vê o lugar da mesma forma que era há alguns anos. O mesmo balcão com marcas, as mesmas cadeiras antigas, até o tapete redondo é o mesmo. Esse tipo de lugar não muda. Nem as pessoas, que apenas ficam mais velhas com o tempo. Isso traz um certo conforto ao seu espírito.

- Aqui está, Zand. - Fala o homem enquanto lhe entrega a chave.

- Wrivee, meu velho... Ainda se lembra de mim, não?

- E como poderia esquecer? Quantas vezes veio a meu estabelecimento! E quantas vezes ficamos na porta, entretidos por suas canções!

- Pois é, bons tempos aqueles, não?

- Bons tempos...

- Gosta do amigo Zand, não? Então posso te pedir um favor?

- Claro que sim, no que eu puder ajudar.

- Por favor, mantenha minha estadia em Diwed em segredo.

- Mas por quê?

- Estou em uma missão importante e sigilosa. Totalmente sigilosa.

- E o que houve com o velho Zand alegre? Está tão... diferente!

- É, meu velho Wrivee... Ser bardo é teimar com o mundo. Buscar alegria enquanto todos estão entretidos com suas próprias misérias, tentar trazer alegria, ensinar e mostrar como as coisas realmente são. ...Mas isso um dia cansa.

- Não entendo.

- É inevitável, é o que posso dizer. Toda estrela brilha, mas se apaga um dia, quando morre. Mas alguns se apagam antes de morrerem. Eu sei, é confuso, meu amigo, mas é assim que as coisas são. Terei um longo dia, e ninguém

pode me reconhecer por aqui. Pode fazer esse grande favor para um velho amigo?

- Tudo bem. - Responde o senhor, um tanto decepcionado, pode-se notar. Pelo jeito ele não via a hora de espalhar pra todo mundo que o alegre bardo estava de volta depois de tantos anos.

- Obrigado, meu amigo. Agora vou para o meu quarto descansar um pouco.

- Tudo bem.

Zand se dirige às escadas e sobe em busca de um lugar tranquilo para colocar as ideias em ordem.

O quarto não é tão confortável assim, mas certamente é dos melhores da hospedaria. Não há problema nessa falta de conforto. Se Zand quisesse mesmo um lugar confortável, teria ido para a Hospedaria Raposa da Lua, parada de aventureiros mais nobres. Não, Zand sempre veio ao Dragão do Mar. Justamente por se sentir mais à vontade nos locais simples do que em outros nobres, cheios de regras.

A cadeira está ali, próxima à janela, com uma discreta escrivaninha. Ao lado da janela, um pequeno guarda-roupas. À porta, um cabide. Não há banheiro, não há

banheira: os dois são de uso coletivo, como em todo lugar que não ofereça regalias.

Zand toma a cadeira e se posiciona à janela, colocando a lista com os itens roubados sobre a escrivaninha, devidamente apoiada com pesos para que não saia voando pela janela. De lá, vê a rua e o movimento começando a se formar no início desse dia.

"Wrivee me reconheceu. Isso é um problema. Como posso conseguir caminhar livremente sem ser reconhecido quando o primeiro antigo amigo me reconhece? É, Zand, acho que você vai ter que puxar alguns truques artísticos pela memória."

Zand fecha a cortina, fazendo do quarto um ambiente quase sombrio, mas ainda suficientemente iluminado. A cortina é antiga e tem suas próprias cicatrizes.

"Fato número um: estou mais forte que antes. Eu sempre usava cabelo longo e gorro ou capuz. Sem barba... O que eu posso fazer... Bom, acho que vou ter que pedir um segundo favor ao velho Wrivee..."

Episódio 05: O Disfarce

Um homem passa pela feira com ar sério e nobre. Com um manto azul claro e dourado, deixando aparecerem os músculos e uma tatuagem de árvore frondosa no braço esquerdo. Seu cabelo curto e branco com mechas cinzentas é rodeado por uma faixa, que não cobre a tatuagem vermelha em seu rosto, no formato de um losango extenso de pouco acima da sobrancelha esquerda até próximo à boca. Também não esconde o brinco no formato de uma pequena argola na orelha direita.

Caminha com ar pouco amistoso, olhando as barracas em busca de algo.

Encontra.

- Em que posso ajudá-lo?

- Você tem anéis?

- Claro! Como pode ver...

- Não. - o homem fala de modo rude - Quero anéis de verdade, não bijuterias!

- Perdão, senhor. Esses anéis não são...

- Quem pensa que engana?! - o homem bate na barraca e todos os anéis pulam. Em tom raivoso e grave, chama a atenção de quem passa por perto. - Não tente vender bijuterias a Nazavo! Ou vai...

Antes que o cliente ficasse nervoso e trocasse a ameaça com o punho fechado por uma ação concreta, o vendedor resolve abrir o jogo.

- Está bem, desculpe, senhor Nazavo. Realmente são bijuterias. Mas tem algumas réplicas como essa que... - não consegue continuar ao ver os dentes do cliente, quase rugindo - Bom, não posso vender joias verdadeiras numa barraca. A guarda daqui não é tão boa. Mas o senhor, se quer realmente algo de boa qualidade, deveria dar uma olhada na Loja do Cristal Celeste.

- E onde fica?

- Fica ao lado da prefeitura.

- Tá me achando com cara de gente daqui!? - Ele grita, bravo. - Nazavo não sabe de droga de prefeitura nenhuma! Tá só de passagem, droga! Onde fica essa loja?

Com raiva e tom grave, chama atenção ainda mais de quem passa por perto.

- Calma, senhor, basta ir naquela direção e virar à direita na quinta rua. É fácil encontrar.

- Pois bem! - o cliente saca uma moeda de prata e joga no meio dos anéis - Obrigado. Isso é para que seja mais claro com os outros fregueses do que foi com Nazavo!

Vai embora, entre o povo, que o olha com um pouco de espanto pela cena. Vai e nem olha para trás.

Nazavo não existe. Quem tem talento artístico para encenações aprende a andar de outro jeito, mudar a voz e as feições. Isso, junto a um trato visual, culmina num disfarce quase perfeito.

Zand sabe onde fica a Loja do Cristal Celeste. Sabe onde fica a prefeitura. Mas não tinha como perder a oportunidade de testar o disfarce e começar a desenhar a personalidade de Nazavo, e divulgar seu nome também. Ademais, tudo faz parte do seu plano...

Episódio 06: Cristal Celeste

- Uma loja de armas... - Nazavo fala, no meio do caminho, antes de entrar na Loja de Armas do Jácis.

Os sinos da porta batem denunciando a entrada de alguém. Ele se dirige ao balcão.

- Quero uma morningstar. Da melhor qualidade.

- Pois não, temos ótimos modelos aqui. - o vendedor careca se afasta e logo volta com três sublimes modelos.

Após a porta, não há a loja, apenas um corredor. Um dos seguranças prontamente intercepta Nazavo.

- Por favor, deixe as armas aqui. - Aponta para um balcão onde se encontra um homem e onde parece haver prateleiras vazias.

- Por que faria isso?

- Não pode entrar com armas.

- Esse não é jeito de Nazavo negociar.

- Não há outro jeito.

- Nazavo quer falar com dono da loja!

- Não, senhor.

- Por quê?! - E começa a gritar - Só porque Nazavo foi roubado e não traz mais as joias bonitas que tinha? Só por isso Nazavo não pode entrar em loja protegida?

O guarda o encara, enquanto mais guardas se aproximam pelo corredor. Todos vestindo armadura de anéis sob um manto azul celeste e portando espadas.

- Na terra de Nazavo as pessoas não são tratadas assim! Povo daqui não sabe negociar! Não confia em Nazavo.

- Senhor...

- Então Nazavo também não confia no povo da loja!

Já cinco seguranças estão no corredor sem saber exatamente o que fazer, quando um sexto segurança vem do interior da loja e diz:

- O senhor Drell disse para deixá-lo entrar.

Nazavo entra, mais três seguranças vão o acompanhando, atentos a qualquer movimento suspeito.

A loja não é exatamente uma loja, mas uma sala de estar bastante nobre, com móveis bem construídos. Dois conjuntos de sofás no centro e algumas estantes com vitrines exibindo preciosidades. Em um móvel de centro, uma jarra de bebida com cálices e em um dos sofás estão

o senhor e a senhora Drell. Parece não haver clientes no momento, mas não há apenas eles na sala, embora poucos pudessem notar, não é tão difícil para Zand perceber que há pelo menos dois outros seguranças portando armas de distância, em guarda escondidos pelas paredes. Realmente, o sistema de segurança é o forte do estabelecimento.

- Bom dia, senhor. Em que podemos ser úteis?

- O que foi aquilo? Quase não deixam Nazavo entrar!

- Perdoe os homens, senhor. É preciso agir assim por questões de segurança.

- Segurança...

- Pois bem, em que posso ajudar?

- Roubaram Nazavo. - O homem da loja muda a expressão para uma mistura de preocupação e expectativa. - Roubaram anéis de Nazavo e Nazavo quer anéis de novo. Anéis bons como os anéis antigos.

- Temos muitos anéis bons aqui. O senhor há de se agradar de alguns. - o senhor Drell fala, um pouco sossegado.

- E não quero bijuteria.

- Pode estar certo de que nossas joias são autênticas.

O senhor Drell, com um sorriso em seu rosto de meia idade, se dirige a um dos armários e volta logo em seguida com um suporte de madeira mostrando vinte anéis, espaçados da maneira como estavam na vitrine.

- Aqui tenho belos modelos. Que tal uma olhada...

- Hmmm... Nazavo não gostou.

- Ah, são belos! Veja este de ônix e esmeralda. É uma joia autêntica.

- Não sei... Joias de Nazavo eram mais bonitas.

- Bem, e que tipo de joia você procura?

- Joias nobres como as de Nazavo.

- Descreva uma das suas para que eu possa saber exatamente como te ajudar.

- Nazavo tinha um anel de osso de grifo dragonado com uma pérola presa...

O senhor Drell põe a mão no queixo, pensativo.

- Outro de Nazavo era um anel de três linhas, duas de ouro e uma de prata, com o desenho de um sol em topázio, ametista e rubi.

- Já sei o que procura - o senhor Drell responde, sério, pouco antes de se levantar levando de volta os anéis da vitrine.

Episódio 07: Anéis Raros

O senhor Drell da loja de joias deixa os anéis da vitrine em seu local natural e logo volta até Nazavo trazendo um pequeno baú e sentando novamente no sofá, diante do olhar atento da senhora Drell.

- O que você quer é raridade. Neste quesito, os melhores anéis que tenho são estes.

E abre o baú, mostrando seis anéis separados por divisórias. Do monte de algodão do primeiro compartimento, retira o primeiro anel, que a princípio parece ser apenas um pedaço de algodão.

- Este anel foi feito pelo conde Idrua, que o ofereceu em pedido de casamento de Cepya, nobre de Wiogee. Geração após geração, o anel foi passado em uma tradição de 32 casamentos felizes. No último da dinastia, foram mortos em lua de mel no Vale do Lobo Branco por uma avalanche. Fatalidades que sempre podem acontecer, mas tenho certeza de que se amariam para sempre...

Zand fita o anel. Parecem nuvens sólidas, e ainda se movem ao que parece. Tem um efeito psicodélico.

- Vejo que te agradou!

- Parece interessante. E os outros?

- Bom, tenho esse que pertenceu ao Eglov, que a usava enquanto tentava tomar por golpe o reino de Surdi para fins pouco nobres.

E tira do compartimento cheio de algo parecido com fuligem um anel de ônix, ou algo assim. Um losango metálico perfeito abraça o anel com um brilho entre o ferro e o grafite. Mas nada disso interessa agora que os olhos de Zand encontram o conteúdo do quarto compartimento e, em admiração, estende os dedos rumo a ele.

- Vejo que encontrou o que procurava! - o senhor Drell fala, animado, enquanto deixa o cliente tocar o anel e analisá-lo. - Não é tão sofisticado quanto esses que mostrei, mas esse anel tem sangue azul. Ele pertenceu à rainha Kreez.

Sim, claro que pertenceu! Zand sabe bem disso, por isso sua admiração. Seu plano assim irá melhor do que planejara.

De fato, não há muita coisa chamativa no anel. É uma aliança de ouro quase normal, não fosse o fato de o ouro ter sido roxeado por processos mágicos.

- Nazavo quer este aqui.

- É uma ótima escolha, senhor. Mas é bem caro, o senhor tem conta no banco da cidade?

- O quê?! Acha que Nazavo não tem dinheiro bastante?

- Não, senhor, é que tanto dinheiro não é transportável facilmente em moedas de ouro...

- Hmmm... Nazavo paga agora. Em pérolas.

E tira a bolsa achatada cheia de pérolas.

Ideia da Knova, de outros tempos. Pérolas são bem mais leves e fáceis de transportar. E valem bem mais que moedas de ouro. Que bom que pérola é o tipo de coisa que nunca falta no covil de Knova...

O segurança mal encarado olha para toda a sala onde se encontra, próximo à porta de entrada. Porta para a qual Zand se dirige, em seu disfarce de Nazavo. Porta que se abre quando ele se aproxima. Abre-se para a passagem de uma jovem. De cabelos curtos e escuros, em algum tom entre o ruivo e o castanho, de andar altivo e firme, sugerindo não mais que vinte e dois anos, talvez mesmo muito menos que isso. Pouco se percebe do corpo sob o manto vermelho. Vermelho escuro, de um escuro nobre, quase real. Mas a Zand o que atrai é o olhar, a um

cumprimento mútuo de "Bom dia", pouco antes de Zand deixar o estabelecimento.

O significado das mensagens trocadas nesse curto momento é definitivo para ambos. Há muita audácia, firmeza e atenção nos olhos dela. Mais do que em qualquer mulher ou homem. Ao menos os que se conhece por aí. Isso intriga Zand, que alcança agora a rua, saindo da loja.

Ele caminha em seu disfarce para o outro lado da cidade. É, para manter melhor sua identidade em segredo, vai ter que ir mesmo à Hospedaria Raposa da Lua, lugar de gente esnobe...

Episódio 08: Raposa da Lua

- Nazavo quer um quarto! - Ele bate no balcão com o punho fechado, mas sem tanta força. O atendente quase chama o segurança antes de ver o anel que Nazavo trazia.

- Pois não, senhor. Temos um quarto...

- Nazavo não quer quarto. Nazavo quer suíte imperial!

- Sinto muito, senhor. Já está ocupada.

- Como?! Passaram a frente de Nazavo!?

- Senhor, nossos quartos...

Um homem de certa idade e com "ar de gerente" se aproxima...

- Senhor Nazavo, lamentamos muito não poder atendê-lo na forma que desejava. Mas temos quartos muito confortáveis, mesmo não sendo "suítes imperiais". O senhor não gostaria de me acompanhar para que os apresente? Aí sim o senhor decide se quer ou não se hospedar conosco.

- Está bem, mas não engane Nazavo!

- Certamente que não. Queira me acompanhar que apresentarei os quartos.

Eles seguem até uma porta, que leva a uma sala com escada. Antes de subir, Zand vê uma espécie de bar nobre cujo acesso se dá pela sala da escada. Curioso como nunca soube que tinha um bar aqui...

- O bar é para os hóspedes. Pode descer a hora que quiser. Por aqui, senhor.

Eles sobem pela escada de degraus baixos e detalhes esculpidos no corrimão, chegando em um corredor com alguns vasos em colunas, alguns quadros e, claro, algumas portas espaçadas.

À porta que leva o número 103 eles param e o gerente a abre.

O quarto é bastante espaçoso. Bem mais do que os hotéis por onde Zand tem passado sozinho.

Cortinas, tapetes e lençóis em verde e turquesa. Especialmente a cama de casal. Há também um guarda-roupas enorme, uma mesa com quatro cadeiras e um armário pequeno... Deve ser um refrigerador de alimentos, um artefato mágico que mantém frio tudo o que está dentro dele.

- Vejo que gostou do quarto. Realmente, nossos quartos são bem cuidados. Gostaria de ficar com este?

Zand se desfaz da surpresa, afinal, Nazavo já está acostumado a quartos assim. E responde tentando demonstrar certa indiferença:

- Está bem, este serve.

- Muito bem, fique à vontade. Mandarei subirem com sua bagagem.

- Nazavo não trouxe bagagem. - O homem não entende bem a posição de Nazavo, afinal, é alguém de fora que vem procurando um hotel de luxo, como não traz bagagem? E Nazavo completa - Roubaram de Nazavo!

- Lamento muito. Caso seja de seu interesse, há boas lojas de roupas aqui perto. Também alugamos alguns trajes. Caso queira ver o que temos, passe na portaria mais tarde, tudo bem?

- Certo.

- As luzes acendem e apagam com as palavras "lua ilumina" e "lua escura". - Quando diz a primeira expressão, algumas pedras espalhadas pelo teto começam a iluminar o quarto com um brilho lunar. Ao dizer o segundo comando, elas se apagam. - E para chamar o serviço de quarto, basta pronunciar aquele comando. Tenha um bom descano, senhor Nazavo.

Após apontar para uma das paredes, onde está escrito "lua de quarto", o gerente fecha a porta e se retira, deixando Zand só. Ele se deita e fica imaginando quão metidas devem ser as pessoas que frequentam este lugar. Claro, no fundo também está aproveitando o conforto para descansar um pouco.

Precisa de roupas. Roupas nem que sejam só para "constituírem uma bagagem". Nisso se levanta e deixa o quarto para ir até a portaria.

Além do mais, os funcionários do hotel lhe vigiarão atentamente enquanto não houver ao menos uma bagagem valiosa no quarto como garantia caso não pague a conta. Não foi bondade que moveu o gerente nesse atendimento tão educado e atencioso. Pelo menos não foi apenas bondade. O que o gerente viu e o recepcionista não viu foi justamente a garantia do pagamento. Na forma de um belo anel roxeado.

Zand fecha a porta e passa por um sujeito magro e vestindo um manto, dirigindo-se ao fim do corredor. Ou é um mago ou um granfino de outra categoria.

- Senhor Nazavo?

- Nazavo precisa de roupa.

- Pois não, senhor. Naquela direção temos algumas ótimas peças que... - Ele aponta um corredor de frente ao balcão, onde Zand vê, de relance, uma silhueta feminina que lhe parece familiar, no sofá.

- Não, Nazavo não quer alugar. Nazavo quer roupa nova!

- Pois não, senhor Nazavo. Há duas lojas aqui perto que devem te atender bem. Basta o senhor sair e pegar a rua naquela direção. Após dois quarteirões, o senhor encontrará a Tobias'. A Zwomz é uma loja bastante conhecida no continente, com filiais em várias cidades. Ela fica ao lado da Tobias'.

- Nazavo vai ver.

- Pode ir. Com certeza o senhor vai achar algo que te agrade.

- Nazavo espera que sim.

"É chato ser grosso assim, mas é necessário para manter o disfarce. De qualquer modo, devo dizer também que é divertido."

E Zand sai à rua pouco movimentada.

Episódio 09: Comprando Roupas

Tobias' não é realmente um dos melhores nomes, mas estava mais perto que a outra e no fim das contas nem parece tão mal. Assim, Nazavo entra e vai olhando as roupas de lá. Roupas muito normais para a região. Nobres, mas normais.

- Posso ajudá-lo?

- Nazavo quer roupas bonitas. Não essas roupas daqui.

- Senhor, temos ótimas roupas aqui. Já viu nossos ternos?

- Nazavo não quer terno!

- Desculpe, senhor Nazavo. Aguarde um momento, por gentileza.

Ele entra e pouco depois vem um outro homem, certamente o gerente.

- Pois não, senhor?

- Nazavo já disse o que quer: roupas bonitas!

- Perdão, senhor, já deu uma olhada no que temos por aqui, nas vitrines...

- Claro que Nazavo olhou!

- Nada agradou?

- Não. Nazavo quer roupa bonita.

- Pois é o que temos. São as melhores roupas que se pode achar em Diwed e se não gostou delas, nada podemos fazer a respeito.

- Nazavo vai embora dessa loja idiota!

A equipe da loja não demonstra qualquer reação enquanto observa Zand deixar a loja. Nem sempre se ganha...

Resta então a outra loja, a tal de Zwonz. Quem diria... Zand frequentando uma loja de roupas dessas... Não que não pudesse pagar por roupas tão caras em outras ocasiões. É que Zand nunca simpatizou com a Aristocracia.

Aos primeiros passos já nota a diferença para a primeira loja. O uso de manequins, por exemplo. Vitrines bem maiores e uma variedade bem maior de roupas. Roupas de todos os cantos...

Nazavo pára diante de um manequim. Um tipo de túnica de seda dourada e preta. Sem mangas, com algumas dobras do ombro esquerdo ao lado direito da cintura. Uma faixa para a testa como que trançado das mesmas cores.

- Deve ficar bem em você. - Nazavo se volta e vê, surpreso, a mesma mulher que entrara na loja de joias dos Drell. Seu olhar firme no manequim e Zand a observa por uns instantes. Seus olhos são negros e tem um brilho especial. Nariz pequeno e sobrancelhas delicadas. Seus lábios mostram um leve sorriso antes de falarem mais uma vez.

- Experimenta! - Ela se volta para Nazavo. - Você está na Hotelaria Raposa da Lua, não é?

- Sim, Nazavo está lá. Como soube?

- Nazavo... Um nome diferente. Prazer, sou Rubi. Acho que era você quem vi entrando lá logo cedo.

- Sim, Nazavo esteve lá.

- Sinto muito, mas preciso ir. Está bem chata esta cidade, você não acha? Se você descer para almoçar no bar da Raposa, podemos conversar um pouco. Se você quiser.

- Claro. Nazavo vai sim.

- Então até mais. Rubi vai esperar Nazavo ao meio-dia. - Pisca o olho com um sorriso leve e deixa a loja, com classe e postura impecáveis.

Nazavo permanece parado. É a habilidade de Zand de perceber como as pessoas são ou pelo menos suas intenções. Está em choque com Rubi. Ela é muito

diferente de tudo. Traços e jeitos tão delicados, mas ao mesmo tempo não esconde que sabe o que quer e é forte o bastante para conseguir.

- Pois não, senhor, posso ajudá-lo? - É uma jovem vendedora, tirando Zand de seus pensamentos.

- Sim, Nazavo quer provar essa roupa.

Episódio 10: Rubi

De volta ao hotel. Agora sim, com bagagem. Os vendedores insistiram tanto em levar as roupas que Zand aceitou que um entregador o acompanhasse até a porta do apartamento.

Deixando as caixas sobre a cama, Zand se dirige ao banheiro. Nele o que chama a atenção é a banheira curvada. De tamanho que comportaria quatro ou cinco pessoas com conforto. O espelho...

Zand desiste e volta para o quarto. Iria tomar banho, mas a “tatuagem” vermelha em seu rosto lembrou o inconveniente: os desenhos que fez no corpo - o losango no rosto e a árvore no braço – não são exatamente tatuagens. Vão sair com banho. Assim, pouco lhe resta a não ser esperar o tempo passar para comprar material que sirva para refazer as tatuagens sempre que precisar desmanchá-las.

O problema é que refazer tatuagens pode levar a imprecisões que poucos seriam capazes de perceber. E esses poucos seriam justamente os que não poderiam perceber...

Mas este é um problema futuro. Antes, Zand tem que arrumar a tinta e os pincéis, já que deixou os utilizados na hospedaria do Wrivee. Mesmo este é um problema para mais tarde. O que ocupa a mente de Zand é aquela tal de Rubi. Há algo muito estranho nela e Zand não consegue perceber exatamente o que é. Em todos esses anos como aventureiro, já conheceu muitas “princesinhas”, destas muitas destemidas. Já conheceu meretrizes, sacerdotisas, assassinas, nobres, guerreiras, magas... Mas nenhuma delas olhava com aquele olhar firme a ponto de paralisar.

Ao se dar conta de que já é meio-dia, Zand se levanta, empolgado com tanto mistério. Não saem da sua mente duas incríveis possibilidades: Rubi ser uma aventureira muito parecida com ele próprio, com habilidades incríveis, disfarçada também para uma missão; ou sua busca estar bem próxima de um fim.

Troca a roupa por um traje prateado leve e deixa o quarto rumo ao bar.

O bar é como os bares costumam ser. Os pequenos e organizados, pelo menos. Não mais que quatro mesas em linha, além dos bancos acompanhando o balcão. A diferença que se nota de início é que a madeira daqui não tem muita história pra contar. Não há marcas de golpes,

rachaduras e amassados nas mesas e cadeiras. E lá está Rubi, de costas para a entrada na terceira mesa a contar da porta.

- Olá, sente-se! O que vai querer? Eu adoro os peixes que eles preparam. O que me diz?

- Pode ser.

Ela pede ao garçom os pratos e solta um sorriso encantador para Nazavo.

- O que Nazavo veio fazer em Diwed?

Pergunta difícil. Zand não havia parado para pensar tantos detalhes de seu disfarce. Afinal, não esperava que seu personagem chegasse até a ter um “encontro”.

- Nazavo está indo a Cehdiw visitar sobrinha.

- Que legal, tem família lá?

- Não, só Quarfá, sobrinha desmiolada de Nazavo que casou com rico de lá.

- Que interessante! Quem é o marido dela? Sabe, eu nasci e me criei em Cehdiw! É uma cidade interessante.

- Nazavo não lembra nome, mas era carpinteiro.

- Será que não foi o Jihs?

- Nazavo não lembra se era.

- Tem o Popgas também.

- Desculpe, Nazavo não lembra.

- Como ele era?

- Ah, Nazavo não sabe, está indo visitar Quarfá pela primeira vez.

- Ah, que bonitinho... Vai visitar a irmã que casou... Pode apostar que Nazavo vai gostar de Cehdiw!

Rubi sorri espontânea e simpática. Está de brincos finos e longos, de tons esverdeados. Sua roupa, entretanto, é vermelha. Mas de um verde e de um vermelho que harmonizam entre si.

- Nazavo tem esposa?

- Como?

- É, vejo que tem uma aliança no dedo.

- Não, Nazavo gosta de joias.

- Estranho... Geralmente quem usa aliança por gostar de joias costuma usar mais de uma...

- É, Nazavo tinha muitas, mas roubaram de Nazavo.

- Que pena... Machucaram Nazavo não, né?

O rosto de Rubi adquire uma expressão tão terna que comove facilmente.

- Não, Nazavo está bem. Só roubaram de Nazavo.

- Sinto muito. Pelo menos deixaram uma, né?

- Essa Nazavo comprou depois.

- Ah, e o dinheiro! Roubaram o dinheiro? Se Nazavo precisar de ajuda com o hotel...

- Obrigado, mas Nazavo pode pagar o hotel.

- Dá raiva esse crime solto aí fora, né?

Rubi olha para baixo como quem pensa sobre algum assunto recente.

Episódio 11: Almoco com Rubi

Rubi e Nazavo sentados no bar da Hotelaria Raposa da Lua. Logo chegam os pratos pedidos.

- E Rubi? Está a passeio?

- Que nada! Se estivesse a passeio não escolheria uma cidade tão sem graça. Aqui só tem aventureiro! Esse bando de guerreiros rudes e... Desculpe... Nazavo é guerreiro também? Se for, desculpa Rubi, não quis te ofender.

- Não, Nazavo não é aventureiro.

- Tem certeza? Que bom... Mas só pra nós: aqui é chato! Se eu pudesse, estava em Ey Vudeon... Mas fazer o quê, tenho que fazer cobranças!

- Cobranças?

- É! Meu pai aluga umas casas aqui e sobra pra mim vir receber o aluguel, pode?

- E você vem só?

- Ah, já estou crescidinha, não acha?

- Claro, mas não tem medo de assalto?

- Não... Não levo muita coisa... - Responde, quase num suspiro, com olhar firme em Nazavo. - Você é bonito, sabia? Assim, sei que é mais velho do que eu, mas... Sabe que adorei essa tatuagem no seu rosto? É comum fazerem isso lá na sua terra?

- Depende da família... A minha tem em todos os homens.

- Só os homens?

- É, só os homens.

- Se, por um acaso, eu me casasse com um homem da sua família, não poderia ter um losango assim?

- Só se Rubi quisesse ser chamada de homem.

- Como vocês são!

- Mas podia ter muitos filhos com essa tatuagem no rosto.

- Ah, mas assim não tem graça. - Rubi fala com um ar de raiva sem pouca importância, o que ela logo transforma num sorriso. - Sua sobrinha deve ter achado estranho.

- O quê?

- Na minha terra, ninguém anda com tatuagem no rosto.

- Pode ser, mas Quarfá deve ter se acostumado.

- Vai fazer alguma coisa hoje à tarde? Podia vir comigo fazer as cobranças...

- Nazavo adoraria, mas tem que visitar alguns lugares.

- Que pena... Mas Nazavo não vai partir hoje, vai?

- Não.

- Então podemos nos ver à noite! Nazavo pode?

- Sim, pode!

- Que bom!

A essa altura já terminaram de comer e se preparam para deixar o bar.

- Nazavo gostou do peixe.

- Sabia que ia gostar! Então à noite nos vemos aqui de novo?

- Certamente. Nazavo virá!

- Até mais tarde então, Nazavo!

- Até, Rubi!

Zand deixa o bar com a cabeça fervilhando. Esperava resolver o mistério, mas sua mente traz agora ainda mais dúvidas do que antes. No fundo sabe que está encantado com Rubi, mas ao mesmo tempo algo lhe fala de perigo e

lhe diz que deveria ter muito cuidado. No fundo, depois de anos, Zand se sente como se estivesse dividido e é isso o que o incomoda mais.

Episódio 12: Busca Vespertina

Zand passa entre as barracas na feira sob a máscara de Nazavo. Lá compra o que precisa e mais um pouco para desviar qualquer suspeita. De qualquer forma, a tatuagem dele não é feita de tinta diretamente. Ele compra a matéria prima para chegar a essa tinta.

Chegou a ver Rubi passar algumas vezes, mas fez todo o esforço para se esconder sem parecer que estava se escondendo. E esse encontro à noite? Agora percebe que vai perder uma boa oportunidade de visitar os bares em busca de pistas. Tudo bem, irá tratar desses assuntos de madrugada.

Logo, vê-se diante da porta da mesma loja onde foi pela manhã. “Se a Rubi estiver envolvida no assalto à Knova, ela deve ter vendido algo logo que saí...”

Desta vez os guardas o deixam entrar sem mais exigências. Logo, lá está ele naquela sala-loja, onde o senhor e a senhora Drell discutem um assunto que lhes parece interessante.

- Não acho que sejam quimeras.

- Talvez sejam! Dizem que tinha cabeça de cobra e de rinoceronte.

- Mas quimeras não são de leão, bode e dragão?

- Ora, mulher, quimeras são criadas por magos. Eles devem poder escolher que bichos misturar.

- Boa tarde! - A senhora Drell nota a presença do cliente.

- Senhor Nazavo! Bem-vindo de volta!

- Nazavo quer saber se tem novidades.

- Ora, mas você esteve aqui pela manhã!

- Na terra e Nazavo as lojas sempre recebem coisas novas.

- Ah, sinto muito, senhor Nazavo. Não temos nada de novo...

- Tudo bem...

- Não quer levar nenhum daqueles outros?

- Não, obrigado.

- Não há de quê, senhor Nazavo! Apareça sempre que desejar!

Zand vai embora enquanto o casal continua sua discussão sobre quimeras.

Como seria bom se Diwed estivesse vazia... Seria fácil dar uma esticada até a Hospedaria Dragão do Mar sem chamar atenção nem levantar suspeitas.

“De qualquer forma, se os ladrões vieram para cá, certamente em algum momento procurarão a loja dos Drell. E a menos que sejam bastante prudentes, logo haverá algum bardo da cidade narrando como um grupo invadiu o covil de um dragão vermelho e voltou vivo. Um feito mesmo fabuloso. E quem tenta algo assim não pode ser considerado prudente o bastante.”

Zand continua a esmo pelas ruas, como quem não sabe como voltar para casa mas tem muito orgulho pra pedir informações a alguém, como se não conhecesse essas ruas como a palma da própria mão.

Sempre que passa perto de algum grupo de aventureiros, disfarça para ouvir do que falam. Entre planos de missões, masmorras, buscas por tesouros, planos de morte e silêncio, Zand não obtém qualquer informação que lhe seja útil.

A cidade pouco mudou nesses anos. Uma ou outra loja diferente, no mais está igual. É verdade, há algumas casas no lado leste que antes não havia.

Enfim, anoitece e Zand retorna ao hotel.

Episódio 13: Jantar

No quarto de hotel está Zand. As luzes mágicas acesas. E como é bom tomar banho! Já restaurou a tatuagem e espera o tempo passar estendido na cama, pensando na vida.

Seus pais queriam que fosse marinheiro, falavam que ia ter futuro essa profissão. Mas o que sempre lhe atraia era a vida de aventureiro. Não que marinheiros não fossem aventureiros, de certa forma, mas a vida em alto mar lhe parecia muito parada.

Sempre ouvia as histórias que os viajantes tinham para contar e em pouco tempo se tornou o “contato” em seu pequeno povoado, ainda adolescente. Contava histórias recordando os detalhes e foi tecendo aos poucos um conhecimento que transcendia até mesmo o reinado. Sem perceber, tornava-se aos poucos um bardo.

Alguns bardos com que teve contato notaram seu potencial e começaram a lhe ensinar algumas coisas quando passavam por lá. Atalpion foi o mais frequente. Sempre dava um jeito de fazer seu grupo de aventureiros passar uns dias ali quando viajava por perto.

Zand sorri se lembrando desses tempos. Altapion chamava seu grupo de três integrantes de Besouro Invisível. Os outros dois não pareciam gostar muito da ideia, mas deixavam, talvez por pensar que assim Altapion ficaria feliz e seria mais útil ao grupo. Foi Altapion quem lhe deu seu primeiro instrumento musical, uma lira.

Tanta coisa aconteceu... Zand se tornou bardo e entrou para um grupo de aventureiros, que chamou de Besouro Fino. Depois foi para um segundo, onde passou pouco tempo até o Besouro de Metal, onde conheceu Knovatsareinm...

- Está na hora.

Zand se levanta, confere no espelho se está devidamente arrumado e deixa o quarto para encontrar Rubi.

Lá está ela, na mesma mesa. Com um vestido preto de alça e uma fita vinho no pescoço, sustentando um medalhão de prata.

- Boa noite, cavalheiro! - Cumprimenta-o com seu sorriso mais simpático.

- Boa noite, Rubi. - Zand se senta.

- Como foi sua tarde? Conseguiu resolver tudo o que precisava?

- Nem tudo...

- Que bom! Assim Nazavo não precisa ir embora amanhã de manhã e pode ver Rubi amanhã de novo!

Zand responde com um sorriso.

- E Rubi? Conseguiu cobrar de todo mundo?

- Faltam algumas lojas. Os donos não estavam. É assim mesmo, esse povo faz de tudo para evitar tirar dinheiro do bolso. Mas Rubi é persistente! E aí? Vamos comer o que hoje? Nazavo quer mais peixe?

- Tudo bem.

- Ótimo!

Rubi pede ao garçom os pratos e vinho suave para acompanhar. O bar tem uma iluminação um tanto fraca que confere um ar quase romântico ao ambiente. São gravuras nas paredes que iluminam.

- Sabe, quando era criança eu sempre quis conhecer o mundo, viajar por aí... Visitar montanhas, praias, florestas...

- Nazavo entende.

- Parece que tem hora que a vida foge do nosso controle. Escapa da mão da gente e começa a correr para outro lado... Queria viajar o mundo e agora estou aqui, em Diwed.

- Fica assim não. Um dia Rubi consegue realizar o sonho.

- É, também espero. É pra isso que vivo.

Enxuga as lágrimas e refaz o sorriso. É neste instante que o jantar vem à mesa.

- Pronto, chega de tristeza. - Diz, se reanimando. - Hoje é pra gente falar de coisas felizes. Olha aqui! Peixe é uma coisa feliz!

Episódio 14: A Lua na Raposa

- Peixe é feliz?

- Claro que é, Nazavo? Você já viu um peixe triste?

- Nazavo não sabe. Difícil medir alegria de peixes...

- Porque eles são sempre felizes! Se tiverem sede, é só abrir a boca, se quiserem comer, tem comida em todo canto. E podem ir pra onde quiserem.

- Rubi queria ter nascido peixe?

- Não sei... Às vezes penso que a vida seria melhor desse jeito, sabe?

Nazavo e Rubi jantam naquele bar reservado. Um jovem loiro de barba e de ar ligeiramente neurótico se senta ao balcão mais à frente e começa a beber. Pelo menos naquela noite, no período em que os dois estiveram ali, esta foi a única pessoa a aparecer além do barman careca.

- Nazavo vem muito aqui?

- Não. Nazavo veio pela primeira vez.

- Então não conhece a cobertura do hotel, não é?

- Nazavo não conhece.

- Pois Rubi vai mostrar pra Nazavo! Vamos?

Os dois se levantam e saem do bar.

- Não espere muito de lá, mas vale a pena ir ver.

- Diwed não é assim tão ruim, afinal de contas. Não é tão feia quanto parece a princípio... - Rubi fala, enquanto aprecia a paisagem.

Aqueles prédios vistos de cima à luz da Lua têm uma certa beleza. Não é realmente uma das melhores paisagens que se possa imaginar, mas não deixa de ser uma paisagem bonita.

- Aqui até que é um lugar bacana. Ainda mais quando a gente está com uma boa companhia.

A cobertura da Raposa da Lua não é exatamente confortável. É só uma parte do prédio que eles têm à disposição. Talvez o restante da cobertura seja para uso exclusivo da tal suíte imperial.

Nazavo e Rubi contemplam a paisagem em silêncio. Dedos suaves deslizam pelos braços de Nazavo. A mão esquerda de Rubi segura gentilmente o pulso direito de Nazavo, erguendo seu braço para Rubi passar por baixo, aproximando o corpo do corpo dele, enquanto continua

conduzindo o braço segurado a envolver seu próprio corpo.

Desliza os dedos da mão direita pelo rosto de Nazavo, encarando-o com aqueles olhos negros e vivos. Beijam-se.

Zand abre os olhos. No mesmo quarto da Raposa da Lua. Ele se lembra da frieza do medalhão de prata encostando em seu corpo, dos beijos, do brilho dos olhos de Rubi à luz da Lua, do vestido preto, do calor de seu corpo... Olha de lado e ela não está mais ali, mas a cama está revirada. A lembrança de como foi a noite é suficientemente nítida: não precisa de mais nada para ter certeza de que tudo aquilo de que se lembra realmente aconteceu.

“Rubi... O que é que eu estou fazendo da minha vida? Como me deixei envolver assim? Droga! Não me lembro de ter baixado a guarda antes a esse ponto. Que droga, estou numa missão! Tenho um disfarce a manter e ela é minha principal suspeita até agora! Como é que eu fui fazer isso!?”

Zand vai até o banheiro e se olha no espelho. Por sorte a “tatuagem” continua em seu rosto. A árvore no ombro, porém, se tornou uma mancha quase irreconhecível. Zand se vê ainda em estado de choque. Sorri um pouco, como para não chorar.

“Eu sou mesmo um idiota! Knova bem que disse! Ela tem razão! Meu treinamento de guerreiro deve ter me privado do juízo...”

Episódio 15: Conselhos de Wrivee

Um homem forte sai do hotel Raposa da Lua. É Zand em seu disfarce de Nazavo. Depois de muito pensar no próximo passo que tomaria, recompôs-se, refez a tatuagem com toda a atenção que pôde dedicar à tarefa e saiu.

Então ele sai pelas ruas de Diwed, tentando ouvir qualquer conversa que escape pelos cantos, mas mal consegue ouvir algo mais que seus próprios pensamentos.

Sem uma consciência que lhe guie, de repente Zand se vê diante da pousada Dragão do Mar. Já que está ali, decide entrar.

- Bom dia! - O senhor Wrivee o recebe alegre. - Está de volta? Vai voltar ao apartamento?

- Não, meu amigo...

- E o que te traz de volta? Precisando de mais uma ajuda minha? O Tornado está bem, estou cuidando bem dele. Se você precisar de qualquer coisa...

- Não, obrigado Wrivee... Na verdade nem sei porque vim parar aqui. Acho que minhas pernas estão acostumadas a

esse caminho e como caminhei no vazio, preso em pensamentos, hei-me aqui agora.

- Ora, meu caro... - ele pára um pouco para olhar ao redor e se certificar de que ninguém está ali, então, continua, falando mais baixo. - Zand. Isso não me parece bom. Eu sei bem dos problemas da vida e tenho certeza de que algo te inquieta. Estou tão certo disso como estou certo de estarmos na pousada Dragão do Mar.

- Não vou negar, velho amigo...

- Gostaria de conversar? Desabafar um pouco? Sabe que pode contar comigo... Sou discreto e já guardei muitos segredos seus de outros tempos... É bom desabafar, evita que a gente exploda em alguma tolice.

- Não sei, talvez tenha razão...

- Vamos subir para o seu quarto. Lá você me conta o que te aflige. Não sei se vou poder ajudar, mas vou tentar... Quem sabe arrumo algum conselho bom, mas meus conselhos não estão à sua altura...

- Vamos lá então, Wrivee... E não se preocupe. Não prometo seguir seus conselhos, mas prometo ouvi-los. Além do mais, às vezes o simples fato de contar nossos problemas pode esclarecer certas coisas, mesmo que aconteça de não arrumares conselhos. Então vamos?

Zand fantasiado de Nazavo deitado de costas na cama, olhando o teto com as mãos sob a cabeça. Wrivee, o dono do estabelecimento, logo ali na cadeira da escrivaninha, mas bem próximo à cama. A garrafa de rum que compartilham já está na metade, sustentada pelo empresário.

- Então deixa ver se entendi. Você não é mais bardo, é guerreiro. E sua mulher pediu pra cumprir uma missão e nessa missão você se envolveu com uma vadia qualquer... É isso?

- Não exatamente, mas vamos deixar desse jeito pra facilitar a conversa.

- Ora, Zand, burro amarrado também pasta! Já ouviu isso?

- Se você se identifica tanto assim com os burros, tudo bem, mas eu prefiro as águias, livres, que voam e enxergam muito mais além. E mesmo que as asas de uma águia possam levá-la a qualquer lugar do mundo, ao topo da montanha mais alta, além dos mares, ela continua fiel ao seu par.

- Então você terminou como o burro nessa história. Quem é ela, hein? Pode dizer? É a Koubri?

- Não. Ela era lésbica.

- Mas você não saia com ela?

- Tá, ela era meio lésbica...

- Ha ha, essa foi boa... Foi a Zulbya-Rei então?

- Também não. Dessa eu nunca mais tive notícias...

- Quem é?! Com quem você casou?

- Não casei.

- Então... - Wrivee se levanta coçando o queixo. - Espere um pouco. Quer dizer que esse drama todo é por um namorico aí e você... Ah, deixa disso...

- As coisas são mais complicadas do que parecem.

- Você me desculpe, Zand, mas você mesmo é que complica! Aproveite! Depois você volta pra casa e nunca mais vai ver essa sujeita mesmo!

- As coisas não são tão simples, Wrivee, mas obrigado por tentar me aconselhar.

- Vai fazer o que então?

- Sinceramente? Já cuidei da minha vida e do meu destino por tempo demais. Vou deixar a correnteza me levar.

- Parece a melhor saída. Só espero que não levem você para um rochedo. E Zand: nenhuma mulher vale

sofrimento, escuta seu velho amigo. Desencana que vai dar tudo certo no final.

Episódio 16: Assalto

Nazavo caminha de volta do Dragão do Mar com a clara sensação de que algo está muito errado. Como alguém experiente comete tantos erros. E este agora! Se deixar vagar sem rumo pelas ruas da cidade e ir parar na Dragão do Mar! Isso pode por em risco toda sua investigação. A essa altura, isso não é tão importante quanto o outro problema que ele levara ao velho Wrivee.

“Será que Altapion já passou por conflitos desses? Acredito que não.”

Nada de novo na cidade. Tudo parece igual.

“Chega, tenho que enfrentar meus problemas eu próprio.”

Entra em seu quarto na Raposa da Lua, fecha a porta e se senta pensativo. Se deita e se levanta inquieto. Ainda não é horário de almoço, então sai e se dirige à recepção decidido.

Afinal, não há alternativa. Seja para aproveitar esses dias e se envolver ainda mais, seja para continuar suas investigações, tem que se aproximar mais e mais de Rubi.

Já enfrentou uma vez um corredor apertado com setas inclinadas para um lado. A única forma de passar era se esfregando e escorregando pelas setas, ou seja, era um caminho sem volta. Se quisesse voltar, agora as setas estariam contra ele. Seu medo hoje é pensar estar investigando e no fim estar num caminho sem retorno. Mas vai mesmo assim.

- Bom dia, em que posso ajudá-lo?

- Nazavo quer saber de Rubi.

- Pois não...

- Qual o quarto de Rubi?

- Sinto muito, senhor Nazavo. A senhorita Rubi efetuou saída da Raposa da Lua hoje de manhã cedo.

- Já foi?

- Sim, senhor Nazavo.

“Nem avisou nada... Certamente descobriu alguma coisa. E eu estraguei toda a investigação. ...Se ela foi logo cedo, não consigo mais alcançá-la. Ela é boa, hein? Quando será que descobriu? Será que essa noite foi planejada pra ganhar tempo pra fuga?”

Zand como Nazavo se dirige ao bar do hotel e senta-se a uma mesa. Em pouco tempo, o barman lhe entrega um papel dobrado.

“Rubi hoje foi roubada também, Nazavo. Na rua. Tenho que voltar para casa. Essa cidade está violenta. Foi um prazer te conhecer. Espero que não se chateie. Beijos, Rubi.”

“Ela pensou em tudo... Duvido muito que tenha sido roubada, mas se ela diz a verdade eu sei onde encontrá-la. Se mente, pelo talento que tem, não será fácil rastreá-la até a próxima cidade aonde foi e estarei sempre a muitos passos atrás dela, a distância sempre aumentando. Não tenho escolha: depois do almoço vou a Cehdiw.”

Episódio 17: Cehdiw

Cidade de Cehdiw. Não é uma cidade tão grande assim. Também não é uma vila. A Lua Cheia ilumina aquelas ruas pacatas. Pelas ruas, pessoas sentadas à porta das casas conversam para passar o tempo.

Um forasteiro se aproxima em seu cavalo. O forasteiro é Zand, sob disfarce de Nazavo. Sua montaria, seu fiel Tornado.

Os olhares das pessoas mostram que não é tão comum aparecer alguém de fora, ainda mais pela noite.

“Sete horas de viagem... Sete horas e cá estou em Cehdiw. Em todos esses anos em que fui aventureiro não me lembro de ter passado por aqui. Talvez até tenha passado, mas se passei foi com a cabeça em outro lugar...”

- Boa noite! Nazavo queria saber onde encontrar uma hospedagem.

O velho sentado de chapéu de palha o olha de cima abaixo com olhar grave. Somente após um longo instante é que responde.

- O que você quer aqui?

- Nazavo tem negócios a tratar em Cehdiw.

- E eu com isso?

Para evitar discussões, Zand simplesmente vai embora.

“Idiotice é uma moléstia perigosa.”

Cavalga pelas poucas ruas até encontrar uma praça. Animado com a descoberta, termina encontrando justo ali, conforme imaginou, um bar humilde.

São exatamente duas mesas, com quatro cadeiras cada, e um balcão estreito, com dois bancos. Um velho deitado sobre uma das mesas perto de uma garrafa de pinga representa toda a clientela do momento. Do outro lado do balcão, uma mulher um tanto gorda de uns cinquenta anos, com avental, limpa qualquer coisa próximo ao balcão pelo lado de lá.

- Boa noite. Nazavo gostaria de um drink.

Ela olha da mesma forma que o velho na rua: lentamente o encara.

- O que você quer?

- Nazavo quer beber. Traga uma dose.

Em poucos instantes está ali o copo pequeno com bebida.

- Nazavo quer saber onde consegue um lugar pra passar a noite.

- Tenho um quarto sobrando. Nove pratas.

- Tudo bem, Nazavo fica com esse.

“Que cidade hostil. É comum o povo ter um certo grau de xenofobia, mas assim já é demais!”

- E onde Nazavo pode deixar montaria?

- Fora.

- Mas montaria de...

- Escute aqui. Nada de cavalo por aqui. Ele fica lá fora que é o lugar de bicho. Se estiver achando ruim, vá lá pra praça dormir com ele.

Mesmo contrariando o disfarce, Zand aceita essa norma e simplesmente toma mais um gole. Então resolve ir à rua olhar o movimento.

Nada de anormal para uma cidade parada. No fundo, não é uma cidade tão pequena assim – nada grande, mas não tão pequena -, mas até pelo comportamento da população, é bem como se fosse.

Zand se senta em um daqueles bancos antigos e desgastados.

- Velho Tornado, vou ter que te deixar aqui esta noite. Será que não é perigoso? Mas você é um bravo, já enfrentou dificuldades muito piores que esta e vai superar. Amanhã estará tudo bem pra continuarmos a busca.

Zand desperta naquele quarto. Lençóis e travesseiro parecem não ser lavados há um bom tempo. É um péssimo lugar pra dormir e Zand não vê a hora de resolver logo tudo o que houver para ser resolvido e se ver livre dessa cidade hostil.

Sai do banheiro e passa pelo estreito corredor com plantas, o corredor que leva até o bar. Senta-se ao balcão sem arriscar um “bom dia”.

“Por onde começar...”

- Deixaram isso pra você.

Um envelope lacrado. Dentro, um pedaço de papel, anotado: “Procure-me na Spark, 9. Ass.: Rubi.”

Episódio 18: Spark 9

Uma casa abandonada de primeiro andar. Talvez tenha sido uma hospedaria rústica anos atrás, talvez o lar de alguma família nobre. Mas está empoeirada e praticamente caindo aos pedaços. Passos no térreo. Passos de um estranho a Cehdiw, mas não a nós. Zand, ainda em seu disfarce de Nazavo.

A escada é de metal, mas não é garantia de que não cai. Ferrugem cobre cada degrau, mas é por essa escada, disposta em espiral, que ele sobe. E chega ao primeiro andar daquele prédio no Número 9 da rua Spark.

Era óbvio para ele que Rubi estaria ali no primeiro andar. A poeira está em todo lugar, mas há marcas de uso recente por onde se possa pisar. O prédio certamente não é tão abandonado quanto parece.

- Rubi?

Uma mulher de preto, uma roupa provocante preta. De costas, com seus cabelos ruivos enegrecidos à fraca iluminação do lugar. É óbvio para Zand que se trata dela.

Faz-se silêncio por uns instantes. Palavras não são necessárias para que Zand saiba que Rubi não era quem se mostrava, que ela sabe que ele também não é Nazavo e que ela preparou tudo e já imaginava que ele a seguiria. Não restam palavras a não ser um óbvio pedido de explicações, que fica subentendido, mas é rapidamente entendido por Rubi.

Um olhar triste e distante quando se vira desarma o bardo de qualquer ação brusca. E Rubi lhe rouba um beijo, enquanto, sem que perceba, tira a morningstar de Zand e a joga para o lado, longe dos dois.

- Preciso te contar uma coisa, Zand. - Rubi finalmente deixa escapar. - Eu não sou quem você pensa que sou e a culpa não é sua: eu menti.

- E quem é você então?

- Sou uma aventureira. Não estava cobrando impostos para o meu pai. Estava em busca de informações para uma missão importante que vamos seguir.

- E por que mentiu?

- Ora, isso é pergunta? Você também não é quem parece, isso eu sei muito bem. Tenho certeza de que Nazavo não existe. Quem é você?

- Não importa agora.

- Claro que importa. Estou revelando quem sou. O mínimo que pode fazer em troca é dizer quem é você também. É um bardo, não é?

- Você está certa. Como descobriu?

- Prefiro não dizer para que não tenha raiva de mim. Piadas de ladinos, entende? Mas seu disfarce estava bom. Para um bardo, pelo menos...

- Faça-me o favor...

- Nazavo tem nome verdadeiro ou devo chamar só de bardo?

- Zand.

- É um nome curto. Não me parece um nome apropriado para um bardo. Mais para um guerreiro, mas enfim, não escolhemos nossas profissões levando em conta nossos próprios nomes, não é mesmo? Só queria saber que missão vale tanto esforço assim para você se disfarçar e sair de bar em bar ouvindo histórias...

- Pelo visto você faz bem seu trabalho...

- É claro! É o meu trabalho, não o de um bardo. Mas você tem algum talento, não nego. E é justamente por isso que estamos aqui hoje.

Zand a encara com uma interrogação. Rubi faz uma pausa e se vira de costas, em direção à janela.

- Não sei porque, certamente isso não tem o menor sentido. Mas sinto que posso confiar em você. E que talvez você possa contribuir muito conosco, se estiver à disposição.

- O que quer dizer?

- Estou te convidando para fazer parte do meu grupo. E, aproveitando, quero que conheça meu grupo. Podem aparecer.

Do nada, surgem duas pessoas mais na sala, no canto da janela mais distante de onde Rubi e Zand se encontram.

- Este é Halkond, ele é um aventureiro experiente. E aquele ali é Azkelph, nosso mago. A missão não teria sido o sucesso que foi sem a ajuda deles.

Halkond usa uma roupa social desgastada, e porta um sabre preso ao cinto. Azkelph é precisamente o mesmo granfino que Zand havia visto outro dia perambulando pelo Raposa da Lua. Então eles estavam lá também?

- Você parece preocupado... Tem alguma missão também? Se for algo em que possamos ajudar, e que possamos dividir os ganhos, podemos tratar disso depois do que

estamos planejando agora. O que me diz, gatinho? Está no grupo?

Episódio 19: A Missão

- Deixe-me ver se entendi. Vocês precisam do Cetro da Adversidade porque era um sonho do seu pai ter o cetro, Halkond?

- Exato.

- Isso não me parece fazer sentido algum.

- Mas é a pura verdade. Você sabe o que o cetro é capaz de fazer?

- "No fundo do mar barulhento
Um cetro foi feito a mão
Por seres estranhos, do mar
Nas mãos de sereia e tritão

E um poder um tanto incomum
Foi posto no cetro invulgar
As pragas e qualquer mau tempo
Ele poderia aplacar"

- Vejo que conhece a história...

- É... - Azkelph comenta – Tem lá sua vantagem ter um bardo no grupo.

- Que bonitinho... - Rubi acaricia o cabelo de Zand.

- Mas espere aí! - Zand corta a animação de todos. - Esse cetro é só uma lenda!

- Como você sabe?

- "O bravo guerreiro Etwau
Enfrentou cada desafio
Em busca do cetro sagrado
No fim vitorioso surgiu

E o cetro que tanto queria
Para salvar a plantação
Mostrou que era só de enfeite
E as plantas morreram no chão"

- Que bonitinho...

- E isso foi há cerca de dezessete anos.

- Você sabe onde o cetro estava, não sabe? - Halkond pergunta. - Sem cantoria dessa vez, por favor.

- Ah, deixa ele cantar. - Rubi abraça o pescoço de Zand. - É fofo. Parece um menininho.

- Etwau o encontrou nas ruínas de um casarão na estrada que leva ao Lago Estrangeiro, protegido por diversas criaturas mágicas.

- E se eu te disser que o casarão ainda está lá, com as mesmas criaturas mágicas?

- Hmmm...

- O cetro que Etwau resgatou pode ser falso! Pode ser que ele tenha pego o cetro errado lá na mansão, um cetro falso feito justamente para despistar saqueadores. Ou pode ser que ele tenha forjado um para enganar quem o contratou. Não importa o que houve, o casarão continua lá com as mesmas criaturas.

- Essa história me parece estranha, mas o que você quer com esse cetro afinal de contas?

- Já disse: era um sonho do meu pai.

- Mas não era seu sonho, então por que não deixa isso pra lá e vai fazer alguma coisa mais produtiva?

- Meu pai era fazendeiro e obter esse cetro é uma questão de honra.

- Você é teimoso.

- Quem você acha que contratou Etwau há dezessete anos?

- Tudo bem, segundo seu plano o grupo vai e recupera o cetro. Mas o que os outros integrantes vão ganhar com isso?

- Azkelph, Rubi e eu nos entendemos. Quanto a você, a proposta é que você nos ajuda nessa missão e nós te ajudamos na missão em que você está.

- É, senhor Nazavo... - Rubi comenta. - Nazavo está praticamente perdido na sua missão, seja lá qual for ela. Dá pra notar de longe...

O mago apenas observa, com seu nariz pontudo e suas lentes arredondadas aparecendo parcialmente sob o capuz.

- Estou em uma terra estranha. Que garantia tenho de que vocês são confiáveis.

- Está com medo, bardo? - Halkond ironiza.

- Pensei que confiasse em mim. - Rubi se afasta e vira as costas.

- Também pensei. - Zand responde. - Mas não é tão fácil confiar em ladinos quando trabalhamos juntos há anos. O que dizer de ladinos recém-conhecidos.

Ela se vira parcialmente, olhando-o com um sorriso misterioso no rosto.

- De qualquer forma, esta é nossa proposta. Você não precisa confiar em mim ou em Halkond ou em Azkelph. Você é que decide se topa a não fazer parte disso.

Há várias formas de um grupo de aventureiros se formar. Eles podem ser pegos por uma situação em que, mesmo sem se conhecerem, precisem cooperar. Quando estão todos em busca de um mesmo objetivo, ou todos são vítimas igualmente de uma mesma situação ou entidade do mal. Podem ser contratados, ser conhecidos de infância, colegas de formação... Podem ter sido apresentados por alguma autoridade que seja amiga de todos os membros... Ou de várias outras maneiras. Dentre elas, pode ser dessa forma que Halkond, Rubi e Azkelph propõem: uma troca de favores. E Zand se questiona se esta seria uma forma correta.

- Tudo bem. Ainda não entendi como posso ter um papel especialmente relevante a ponto de justificar o convite a essa altura, mas vamos ver no que isso vai dar.

Episódio 20: O Casarão na Estrada

Uma criatura com cara de lagarto é rasgada em duas por uma espada veloz. Halkond salta para golpear mais uma dessas criaturas. O lugar está repleto de lagartos humanoides. Não parecem grande coisa, mas são muitos. E o grupo se vira como pode.

Azkelph os golpeia usando um cajado com ponta metálica. Rubi utiliza uma espada curta e um punhal. E Zand ainda usa a morningstar que comprara em Diwed. Preferia a espada, mas também sabe manusear armas de impacto muito bem.

Lugar: aquele maldito casarão onde supostamente se encontra o Cetro da Adversidade. Um artefato realmente inútil para um aventureiro, mas muito importante para agricultores.

- Quantos desses tem aqui? - Azkelph grita - Já matei uns cem!

É claro que mente. Ele matou bem menos criaturas do que os outros três. Mas que seus oponentes não parecem diminuir em número é uma verdade.

A bola de metal da morningstar de Zand arremessa um deles para longe. Bem perto, um barulho de carne sendo

perfurada: é Azkelph usando seu cajado como se fosse uma lança.

- Tudo bem, foi fácil entrar e chegar no salão principal. Mas e agora? De onde vem tanta criatura?! Será que esta mansão é uma entrada para uma cidade subterrânea dessas criaturas das trevas? - Rubi pergunta a Halkond do outro lado da sala, não tirando os olhos de Zand.

- "Lanoas são criaturas
Sem pai nem mãe conhecidos
Filhas do Mal e da Noite
Para atormentar os vivos

Protegem grandes tesouros
Quando é assim, lutarão
São muito frágeis, porém
Se mortas, mais surgirão

O que anima esses seres
Monstros cara de lagarto
É uma estranha engenhoca
De conhecimento arcaico

Enquanto as lanoas lutam
Sugam força dos rivais
Com mana, sangue e magia
Produzirá outras mais"

- É claro! - Azkelph grita ao ouvir a canção que Zand entoa durante o combate. - A criadora de lanoas! Deve ter uma aqui!

- E você vem me dizer isso agora! - Halkond reclama.

- Eu havia me esquecido... Realmente! Também com essa musiquinha agora não esqueço mais!

- Como a gente localiza essa máquina?

- De onde as lanoas estão vindo?

- Daqui! - grita Rubi, apontando para um corredor na lateral direita do enorme salão, enquanto avança naquela direção.

- Espere! Não vá sozinha! - Zand grita e avança naquela direção por entre as criaturas com cara de lagarto, conhecidas por essas terras como lanoas.

Mas Rubi não espera. Quando faltam duas criaturas a Zand para chegar ao tal corredor, Rubi já adentrou. O barulho de golpes continua intenso por todo o salão, inclusive no corredor. Zand se apressa. Não demora pra que a alcance. Em pouco tempo, os outros dois chegam ao mesmo quarto de onde nascem as criaturas.

Uma engenhoca estranha, parece movida a lenha e esferas mágicas. Um líquido esverdeado estranho desce

de uma ampulheta ligada à máquina. Algumas tubulações a ligam ao chão, passando através do piso até sabe-se lá onde.

Eles veem ainda uma criatura sendo feita. Um bolo de carne verde cresce num recipiente de vidro que faz parte da máquina e fica ao seu lado esquerdo. A massa ganha dedos, cara estranha, pernas, garras e sai do globo.

Um golpe e a cabeça é arrancada do corpo.

- Vamos, Azkelph, desligue isso logo! - É Halkond, voltando-se mais uma vez para o corredor, em cuja entrada estão Rubi e Zand, tentando impedir a entrada dos lagartos que estavam no salão principal e os seguiram até ali.

Os dois já derrubaram várias dessas criaturas, mas elas se dissolvem e se decompõem com uma velocidade inacreditável. Pelo menos são mesmo frágeis como diz a antiga cantiga que Zand lembrara. Nenhum dos quatro foi atingido por uma delas até o momento.

- Calma aí, não é tão fácil assim. Tenho que encontrar uma... - Azkelph reclama, olhando atentamente as conexões da máquina com os três cristais que brilham na parte mais baixa.

A ampulheta explode a um golpe da espada de Halkond. Azkelph olha assustado. A máquina faz mais dois gemidos e pára.

- Você está louco? Você sabe o que uma atitude impensada dessas pode gerar como consequência?

- Funcionou, não funcionou? Então vamos lá. Para onde agora?

- Você é muito imprudente, Halkond! Temos sorte de ainda estamos vivos depois disso. De qualquer modo, enquanto ainda houver lanoas por aqui, não teremos paz. - Azkelph pega seu cajado e vai em direção ao corredor. - Vamos acabar com elas agora que estão em número finito.

Episódio 21: Passagem Secreta

- Este era o último lanoa. Podemos ir adiante? - o estranho guerreiro com ar de ex-nobre Halkond.

Naquela sala da “fábrica de monstros”, o grupo se espalha em busca de uma passagem. Claro que não significa necessariamente que o caminho seja por ali, mas já que estão ali, nada melhor do que aproveitar e começar a busca por ali mesmo.

Logo, Zand nota um certo encaixe no piso de madeira...

- Achei alguma coisa.

- Espere! - É Rubi. - Não mexa aí!

Ela vai para o lugar onde Zand está e começa a investigar a possível passagem secreta. O que talvez seja a passagem quadrada para baixo, de um metro de lado.

- Se você colocar a espada na fresta, dá pra levantar... - Azkelph tenta ajudar.

- Quieto! Sabe lá o que tem aqui embaixo! Pode haver alguma engrenagem... Na verdade há alguma engrenagem. Alguma coisa está presa a essa tampa de madeira por baixo. Provavelmente um mecanismo de corda para acionar alguma armadilha.

- Que tipo de armadilha? - Halkond pergunta.

- Não sei! Pode ser um dardo envenenado atirado de algum lugar da sala, ou daqui debaixo mesmo... Ou pode até ser um acionador de gás, fogo ou explosão. Não dá pra saber.

- Então a gente volta? - Halkond. - Simplesmente isso?

- Bom, temos que considerar algumas coisas – Zand intervém. - Se Etwau pegou realmente um cetro aqui nesta mansão, ele não veio por aqui. Deve ter arrumado um jeito de evitar os lanoas e achou o cetro em outro canto da mansão. Então, há possibilidades de o cetro verdadeiro estar aí embaixo.

- Então vamos! - Halkond se precipita.

- Espere! Por outro lado, é difícil agir com tantos lanoas por aí. Sem contar que quanto mais matamos, mais a máquina produz novas criaturas. Ele pode ter encontrado a máquina e desativado. Nesse caso, alguém teria dado manutenção. No caso de existir alguém que faça reparos nessa máquina, há uma outra passagem, usada por esse ser, e pode ser que o cetro esteja por esse caminho.

- Realmente. - Rubi responde e sorri para Zand. - Sabia que foi uma boa ideia ter chamado você para o grupo!

- De qualquer forma, pode estar aqui embaixo, então... - É Halkond.

- Já sei! Por que não cortam essa tábua dos dois lados, deixando a parte do meio ainda segurando a corda? - Azkelph propõe - Aí a gente vê o que tem embaixo e a corda contia como antes!

- Parece uma boa ideia. Alguém tem uma serra? - Zand pergunta.

- Claro! - Rubi responde. - Nunca se sabe quando precisaremos de uma.

Lá está o buraco no chão. Um pedaço de um metro por cerca de 30cm da madeira foi cortada e “aberto”, já que a passagem parece ter duas dobradiças, nos cantos e esse pedaço do lado foi onde havia uma.

- Aqui está. Um gancho com uma corda. - Rubi fala.

- Você é boa! - Zand fala.

- A essa altura... - Rubi responde, com olhar malicioso. - ...você não devia ter dúvidas sobre isso.

- Tá, tá legal... - Halkond se aproxima, tirando alguma coisa da mochila. Vamos ver o que há aí embaixo.

Eles amarram o pequeno lampião em uma corda, acendem e descem para ver o que se esconde no subsolo.

- Ali! Uma passagem lateral! - Rubi é que nota.

- Mas como é que alguém desce por aqui sem acionar a armadilha!? - Azkelph questiona.

- Ora, e quem disse que essa passagem vem sendo usada? - Halkond responde.

- Alguma coisa está fora do lugar aqui... - Zand comenta, pensativo.

- Calma, fofo. - Rubi acaricia seu cabelo e vai para o outro lado da passagem. - Temos que pensar agora é em como descer.

Ela começa a serrar o outro lado da tábua, do mesmo modo que havia serrado o lado anterior.

- Ei, por que não testamos? - Halkond estende a espada, na bainha, e movimenta a corda da tábua para o lado antes que qualquer um da sala possa se opor. A corda parece sustentar algo, mas vai para o lado empurrada pela espada e nenhuma armadilha parece ter sido acionada. - Está vendo? A gente está perdendo muito tempo com isso. Vamos cortar isso e...

- Não! - Rubi grita, mas o máximo que pode fazer é segurar Zand, que estava tão próximo da passagem quanto ela, e se jogar para o mais longe que pode da passagem.

Uma explosão se ouve de baixo. Uma explosão abafada que estremece a antiga mansão. Ainda se vê as chamas subindo além da passagem, e logo uma fumaça quente e negra toma conta da sala.

- Halkond, você ainda vai matar a gente! - É a voz de Azkelph que se ouve em meio a toda aquela fumaça.

Episódio 22: Quatro Caminhos

Pedras encaixadas formam as paredes do corredor por onde vão Halkond, Rubi, Zand e Azkelph. A iluminação escassa vem de um anel mágico de Azkelph, que mantém uma luz parcial no lugar, como se estivesse vindo do chão. Segundo ele, é mais preciosa que uma luz forte, pois luz forte chama mais atenção e às vezes até danifica algumas preciosidades sensíveis...

- Chegamos em uma câmara. - Halkond anuncia. Vou entrar.

- Espere! - Rubi protesta, mas não surte efeito: Halkond já está dentro da tal câmara. Logo os demais chegam.

O lugar não é muito amplo e tem quatro passagens: quatro corredores. Rubi investiga minuciosamente o lugar em busca por qualquer mecanismo que possa disparar algum tipo de armadilha. Nada encontra.

- E agora? O que fazemos daqui?

- Vamos nos separar! - Halkond fala, em um tom irônico que todos percebem, ninguém leva a sério mesmo.

- Há alguma pista de qual o caminho melhor para nós? - Zand fala. - Não, não é? Então escolham um corredor e vamos ver o que tem lá.

- Tem razão. - Halkond concorda. - Já perdemos muito tempo. Rubi, o que sua intuição diz? Qual dos quatro caminhos vamos seguir?

- Vamos por este. - E caminha em direção ao terceiro corredor. O grupo a segue.

A cada dois passos, um atraso. Rubi buscando armadilhas.

- É uma frescura isso, sabia? - Halkond fica impaciente.

- É um mal necessário. - Azkelph responde. - Melhor perdermos um tempo do que ter alguém envenenado ou ter que enfrentar alçapões e fogo. Aliás, por pouco Rubi e Zand não se queimaram por sua causa.

- Está bem, está bem... O que quer que eu faça? Não era praquilo explodir. Como é que pode? Era pra armadilha ser acionada quando fosse puxada e não empurrada.

- Provavelmente a passagem era utilizada normalmente e a armadilha era justamente pra quem pensasse que a corda era uma armadilha e tentasse desarmar. - Rubi explica, sem perder a concentração na busca por novas armadilhas no corredor. - Um dispositivo embaixo e a corda na certa sustentava algum peso. Se caísse, acionaria

a explosão. Um truque interessante e que afeta só grupos mais “espertos”. Inteligente porque grupos menos espertos provavelmente não chegariam 'aquela sala.

- Muito bem, doutora! - Halkond ironiza. - Podemos ir agora?

- Calma. Pode haver armadilhas ainda.

- Que saco... - E se volta para o Zand. - Ei, Nazavo! Você já é um aventureiro experiente também, não é? Já deve ter participado de algumas equipes, não?

- Claro, mas nos últimos anos tenho seguido sozinho. E me afastado de missões.

- E o que o traz de volta à atividade?

- Depois conversamos. Vamos concentrar nossos esforços nesta missão, ok?

- Tudo bem!

- Olha ali! Um baú! - É Azkelph que vê lá à frente, em cima de uma mesa de pedra.

- É, acho que chegamos. - Rubi se aproxima com cuidado do baú. - Vamos todos para cá.

Ela junta todo o grupo atrás do baú, sentados no chão, de modo a ficarem abaixo da altura onde o baú está.

- Agora, Halkond, por gentileza arrombe o baú.

- Assim, abaixado?

- É. O baú está cheio de lâminas nos outros lados. Pode haver um mecanismo que dispare essas lâminas caso tentemos abri-lo. O mais seguro é tentar arrombar pelo lado da dobradiça. Todos abaixados, por precaução.

Halkond golpeia o baú várias vezes para conseguir tirar a dobradiça estando agachado. O baú abre sem problemas. As lâminas não eram projéteis. Provavelmente eram envenenadas e seu objetivo era apenas ferir quem tentasse abrir o baú sem cuidado. E ali, dentro do baú, está o cetro procurado.

- Azkelph, com você.

- Espera! - Rubi, que olha se há armadilhas ainda. - Pode ir.

O mago se aproxima do baú e coloca as mãos sobre o cetro.

- Há fluxo de mana através do cetro.

- Ok, isso quer dizer que é ele mesmo, então vamos embora daqui. - Halkond fala.

- Bom, na verdade...

- Conseguirmos! - Rubi abraça e beija Zand.

O caminho de volta é tranquilo. Sem lanoas, sem armadilhas, sem mais nada. Exceto uma pulga atrás da orelha de Zand: o que havia nas outras quatro portas? Será que eles acertaram mesmo assim de primeira?

Episódio 23: O Cetro da Adversidade

Cehdiw. Zand desperta naquela mesma pousada de antes. Vai comer qualquer coisa. Pelo menos tem o alívio de não precisar se passar por ninguém mais e chega ao bar como Zand mesmo e não mais como Nazavo.

A missão foi cumprida com sucesso e o grupo marcou para se encontrar no mesmo lugar de antes: Spark 9.

Claro que a ideia de ser um truque para se afastarem e para que conseguissem fugir depois de Zand ter colaborado o preocupou. Mas não tanto, afinal ele é um bardo e agora ele sabe o rosto de todos do grupo. Seria bem mais fácil seguir o grupo de aventureiros do que seguir uma fidalga a partir de Diwed. Além do mais, Zand preferiu utilizar isso como um teste.

Desde que acordou, apesar de tudo, a expressão de Zand é séria. Isso porque depois de uma noite de sono, uma velha suspeita ressurgiu em um insight noturno.

A mesma meia-luz de antes. Azkelph sentado num canto, perto da janela. Halkond deitado um pouco além. Rubi de pé já o esperava quando Zand aparece subindo as escadas.

- Olá! - Rubi vai até Zand e o recebe com um beijo. - Dormiu bem? - Pergunta enquanto acaricia seu cabelo.

- Dormi, obrigado. E você?

- Temos um problema. - Halkond intervém, se sentando.

- E o que houve? - Zand se aproxima, acompanhado por Rubi.

- Subestimamos Etwau.

- Como assim?

- Provavelmente cometemos o mesmo erro dele. O cetro que trouxemos é falso.

- Mas o... Ele – aponta para Azkelph – não tinha testado lá se era mesmo um objeto mágico?

- Esse foi nosso erro. O maldito antigo dono do cetro colocou um cetro falso bem-feito. O que trouxemos é mesmo mágico, mas é muito fraco. Sua magia faz com que funcione como uma arma mágica de combate das mais vagabundas. Só o suficiente para que o maldito cetro passasse em um teste de detecção de magia.

- Então foi em vão que fomos?

- Praticamente.

- Não foi em vão... - Zand se afasta um pouco do grupo. - Na verdade, seu pai nunca esteve atrás do cetro. Quem contratou Etwau foi um nobre de Noak, dono de uma vasta plantação de arroz. E ele morreu sem deixar qualquer herdeiro.

Zand se vira para o grupo. Eles permanecem onde estão. Rubi, que é a única de quem Zand consegue ver o rosto, por estar mais próxima, sorri um sorriso bastante amigável.

- Falem a verdade: vocês são o grupo que eu venho seguindo e a história de missão conjunta em busca do cetro foi só uma forma que vocês encontraram para conhecer minhas habilidades e testar se eu representava algum perigo ou não.

- Muito bem! - Rubi fala. - Realmente. Como suspeitei, você foi mandado pelo dragão para nos perseguir. Agora posso dizer que você fez muito bem seu trabalho de bardo, ao descobrir tudo assim, do nada, com base em puro conhecimento histórico. Afinal, acho que conseguimos cumprir a missão sem te deixar pistas, não é?

- O que não entendemos ainda foi qual suas motivações – Halkond completa. - Por que está ajudando aquele monstro?

- Não fale assim de Knova.

- Knova... - Rubi fica pensativa. - Knova!? É um dragão fêmea! Não me diga que você...

Uma pausa silenciosa e de repente os três do grupo irrompem em gargalhada.

- Não acredito nisso. - Halkond é o primeiro a falar. - Não vai dizer que você se envolveu com o dragão! Com tanta mulher no mundo, logo com um monstro daqueles!

Continuam a rir. Zand, sem graça, apenas encara o grupo. Então se afasta e encontra um quarto com uma janela aberta. Poeira por todo lado, uma cadeira provavelmente quebrada e Zand apenas se aproxima da janela pensativo.

Dali vê a algumas outras casas e a rua. O céu azul com poucas nuvens...

Uma mão desliza suavemente por seu ombro e peito. É Rubi que está ali junto com ele.

- Eu deveria te prender e levar até Knova. - Ele deixa escapar, quase num desabafo.

- E daí? Eu deveria te matar quando tive chances. Ou, no mínimo, fugir de você, mas nem sempre conseguimos cumprir com nossos deveres. - e deita a cabeça em seu ombro, o abraçando forte. - Além do mais, no fundo você

também confia em mim. Você sabe que eu sou uma ladina e que ladinos matam facilmente pelas costas...

- Rubi, o que faço com você? - Zand abraça os braços de Rubi.

- Preciso mesmo dizer? - Ela sussurra em seu ouvido, com sensualidade.

No céu algumas aves vão passando e as poucas nuvens pouco se mexem nesse início de manhã...

Episódio 24: Sob as Estrelas

É fim de tarde. O céu desenha um lindo quadro em tons alaranjados. Zand avista o céu de um pequeno morro, próximo a uma árvore onde descansa Tornado. Ali sentado, Zand pensa na vida enquanto observa o céu.

A cidade fica bem perto dali. Afastou o suficiente apenas para pensar na vida. Tanto tempo se passou desde aqueles dias...

Zand recorda os momentos ao lado de Knova. Tocando banjo e cantando músicas de improviso para ela, trocando alguns beijos e carícias. Um relacionamento complicado, mas aos poucos Zand ia percebendo a beleza no coração de Knova, mesmo ela sendo quem era. E percebia que por trás de todo aquele orgulho havia uma alma que sofria da vida que levava, mas que jamais admitiria sofrer por qualquer que fosse a razão. A solidão fortalece, mas também enfraquece e, no fundo, Zand via em Knova o claro resultado dos dois efeitos.

Houve outras, mas nenhuma despertou tanto sua curiosidade e seu afeto como Knova. Talvez nenhuma antes de Rubi...

Na companhia apenas de Tornado, sua montaria fiel, Zand deixa uma lágrima fugir de seu olho direito.

“Eu sou um idiota. O que os deuses fizeram comigo que só me apaixono por mulheres perigosas? E agora por duas ao mesmo tempo... Entre a dragoa e a assassina. O que será de mim? Não era pra ser assim. Eu sou um bardo, droga! Bardos têm muitas mulheres para escolher, por que eu não me agrado de uma mais 'normal'?!”

Um cavalo se aproxima, vindo da cidade. E não precisa se aproximar muito para Zand perceber quem vem ali.

- Rubi... - E olha mais uma vez para o céu, que já escurece. - O que vem fazer aqui? Me atazanar?

Ela se aproxima com um vestido vermelho vivo e um casaco marrom avermelhado em um cavalo negro. Prende-o na mesma árvore onde está Tornado e se aproxima do solitário Zand.

- Você está bem?

- Estou, obrigado.

Ela se senta ao lado dele e começa a olhar o céu também.

- Isso lembra aquele dia lá na Raposa da Lua, não é?

- É mesmo... Exceto que a Lua não veio.

- Faz pouco tempo, não é? Ela deve se atrasar hoje, mas sei que virá. Podemos esperar por ela se quiser.

Zand não responde. Simplesmente continua olhando o céu pensativo.

- Venha, você deve ter ficado muito tempo aqui. - Rubi faz com que deite a cabeça em seu colo. - Deve estar cansado.

E desliza os dedos pelo cabelo de Zand, enquanto seus olhos também são atraídos pelo mesmo céu.

- É verdade aquilo que pareceu? Você tem um romance com aquele dragão?

- Foi há muito tempo...

- Deve ser interessante. Uma experiência diferente, não é? Se bem que um relacionamento onde um é muito mais forte que o outro sempre traz problemas, por isso não tem como dar muito certo esse tipo de coisa.

- Como assim?

- Se um dos dois é muito mais poderoso que o outro, um sempre vai decidir tudo e o outro vai ter que obedecer sempre. E isso não é muito direito.

- Tem razão... Não havia parado pra ver por esse ângulo. - Desvia então os olhos para o rosto delicado de Rubi.

Os traços suaves e aquele olhar determinado e firme, dessa vez calmo e meio perdido no infinito.

- Rubi... Você é uma mulher incrível. Determinada, inteligente... E parece tão jovem ainda.

- Obrigada. – Ela olha para Zand e sorri. - E o que há entre vocês dois hoje?

- Sinceramente, não sei.

- Como assim? Não me diga que ela sumiu e só te procurou depois que precisou da sua ajuda...

Zand fecha os olhos e suspira.

- Acho que foi mais ou menos isso mesmo.

Rubi continua olhando Zand com ternura e deslizando os dedos por seu rosto e cabelo.

- Zand... Ela não quer nada com você. É um dragão. Dragões são egoístas. Só quatro coisas são importantes para um dragão: sua própria vida, seu próprio esconderijo, seu próprio tesouro e sua própria solidão.

- Talvez você esteja certa. Ainda não tenho certeza sobre isso.

- Você é só uma marionete dela pra quando ela precisar de alguém que a ajude no mundo dos humanos. Se ela não visse essa utilidade em você, já teria te matado.

Zand se senta, ainda pensativo. Rubi o abraça e lhe dá um beijo ardente. Os dois se deitam sob as estrelas.

Zand olha a pequena cidade de Cehdiw sob os primeiros raios do Sol. Seu olhar indeterminado de uma alma inundada de incertezas. Então volta os olhos para a estrada que seguia. Em seu fiel Tornado, ele parte para longe da cidade, tentando fugir do caos que traz dentro de si mesmo.

Episódio 25: A Caminho de Efrea

- É, moleque, a vida de aventureiro traz muito perigo, muitos desafios, mas você vai gostar. Vejo o brilho nos seus olhos quando falo certas histórias. Acredite, não são poucos que ouvem minhas histórias e eu sei ler muito bem a reação de cada pessoa. Há aquele brilho admirado mas morrendo de medo, de quem pensa que nós somos heróis. É comum em jovens donzelas. Há aquele brilho escondido, tentando se disfarçar de indiferença, que é comum naquelas pessoas que discriminam os aventureiros. No fundo, a maioria dessas pessoas queria ter histórias assim pra contar também, mas não foram capazes e não querem tentar a essa altura... E há o brilho que vejo nos seus olhos.

- E que brilho é esse?

- É o brilho de quem daqui a dez anos terá tantas histórias para contar quanto eu próprio!

Um rapaz esguio ouve encantado as palavras daquele homem em roupa colorida de chapéu de pena, na sala de casa. A mãe do rapaz passa pelo corredor e olha os dois com reprovação.

O jovem Zand sempre se empolga quando vêm aventureiros de passagem pela sua terra, mas aquele Altapion lhes incomoda. Como se ele fosse capaz de arrancar Zand da proteção de seus pais e por isso seus pais não simpatizam com ele.

Mas já sentem que a partida de Zand é quase inevitável, a qualquer momento. Ele é um espírito livre. Nasceu para ser aventureiro mesmo,

- Uma coisa engraçada de quem é aventureiro é que não dá pra gente ser casado. A menos que você se case com uma aventureira também, mas elas são raras e imprevisíveis. Se a gente se casa a gente tem que deixar a vida de aventuras. Por mais que as mulheres nos admirem por irmos terra acima e terra abaixo enfrentando monstros e resgatando tesouros, elas não vão querer ficar sozinhas em casa um ano inteiro, menos ainda nos acompanhar por todo canto.

Ele pára um pouco para beber. Então continua.

- Mas em toda terra há jovens admiradas com heróis. É fácil conquistar meninas assim, ainda mais quando você canta suas próprias aventuras com uma lira: elas ficam loucas! Então, a menos que a gente caia na besteira de se apaixonar mesmo por uma delas, viver solteiro não tem o menor problema! Ah, mas tenha muito cuidado! Faça de

tudo pra descobrir se as sujeitas não são comprometidas... Sempre alguém termina tendo problema por causa disso...

Zand segue, afastando-se de Gwootra na companhia do seu fiel cavalo Tornado. Gwootra foi a única cidade que visitou desde que deixou Cehdiw. Onde almoçou e agora segue viagem rumo a Efrea.

“Devia ter seguido os conselhos de Altapion... Onde será que ele anda agora? E o que faria no meu lugar? Ele com sua lira e sua tagarelice.”

Se ainda o paradeiro de Altapion fosse conhecido, certamente Zand iria procurá-lo. Altapion não negaria conselhos, ele adorava Zand e adorava falar. Havia praticamente adotado Zand como um aprendiz do seu ofício! Mas há anos todas as pistas sobre o paradeiro de Altapion sumiram.

- Ha ha ha! Você tem que tocar com mais delicadeza, Zand! Lembre-se: mulheres e instrumentos musicais se trata com carinho! Tem que ser suave, uma corda por vez...

- Eu não entendi ainda. Como é que você consegue fazer essas músicas usando isso?

- Zand, Zand... Este é o segredo de qualquer ofício. Não é só com bardos que as coisas funcionam assim. Homens peritos num ofício conseguem fazer coisas prodigiosas com suas ferramentas de trabalho. O diferencial não está nas ferramentas, mas em quem as manipula. O conhecimento é importante. Deixa eu pegar a minha lira.

- Tome.

- Não, a minha.

- Mas esta não é sua?

- Não, esta eu comprei pra você! Pra que você pratique bem muito mesmo quando eu estiver fora com o Besouro Invisível resolvendo missões. Porque você tem que valorizar muito a prática. É a prática, e só ela, que leva à perfeição.

- Mas ela é tão bonita... E está nova... Não posso...

- Não seja besta, Zand! Você precisa praticar. Além do mais, acontece com todo homem que é apaixonado por sua profissão de chegar um momento em que sente necessidade de passar seu conhecimento para alguém. Aceite esse presente como uma forma de agradecimento por ter me dado essa oportunidade de te ensinar. Mas

lembre-se: a lira é só um monte de tripas amarradas, a menos que você saiba o que fazer com ela.

Faz tanto tempo que Zand não vai à sua terra natal. Mas não é essa terra que ele está visitando. Ele teve dois mestres. Altapion, com toda certeza, seria o mais indicado a lhe aconselhar. Zand tem certeza de que ele saberia o que dizer. Se na época em que o conheceu já o considerava tão sábio, como não estaria hoje?

Mas a vida segue por caminhos tortuosos e Altapion aparentemente se perdeu no tempo, ou encontrou seu repouso final. Resta-lhe a Zand apenas seu mestre mais recente. Aquele que lhe treinou tão bem no manejo de armas. E ali, ao longe, já se vê os primeiros sinais de Efrea, a terra do mestre Willen.

Episódio 26: O Mestre Guerreiro

Mais uma cidade simples. Praticamente sem comércio. Umas vendinhas pra não dizer que não há nada. Uma pequena cidade que vive da agricultura. Seus habitantes se deslocam para cidades vizinhas para comercializar o que produzem e se suprirem do que necessitam. Zand se aproxima da cidade ao Sol de meia tarde, mas não vai até a cidade propriamente. Ao invés disso passa rente a ela e pega uma estrada simples e de casas espaçadas.

“Ali está a casa dele. Do jeito me lembro...”

E se aproxima daquela casa pequena com uma porta para a rua e uma janela do lado. Em um terreno onde caberia mais umas 20 casas pequenas como essa. Do lado esquerdo, boa parte desse espaço é aproveitada por chapas de madeira, em um salão coberto, mas sem paredes, onde descansam também algumas mesas e cadeiras rústicas

Zand se aproxima e desce do cavalo. Ali, sentado em um banco na área coberta e olhando para a rua está um homem de face muito marcada pelo tempo, mas com um corpo que ainda não mostra os sinais do tempo.

- Zand?

Sem palavras, Zand simplesmente se aproxima e abraça com afeto e respeito seu antigo mestre.

- Zand, há quanto tempo... O que tem feito por todos esses anos? Se bem que nem faz tanto assim. Uns cinco anos talvez?

- Seis. Seis e meio na verdade. Meu mestre Willen, continua com a mesma força e o mesmo aspecto respeitável! Mas parece que parou de ensinar.

- Vou fingir que não percebi que mudou de assunto, já que suspeito que veio me falar justamente sobre isso. Então, resolvi voltar ao ofício de família.

- Recordo agora. Logo que vim, você havia dito que havia se aposentado de aventuras para ser marceneiro e que nos daria aula mas quando fôssemos embora ia mudar o trabalho.

- Isso, bardo. - E mostra um sorriso simpático, mas rude de um homem que tem muitas histórias para contar. Diferente de um bardo, histórias vividas por ele próprio.

- E como está a vida agora?

- Está calma como eu queria. Sente-se aí. Pode escolher a cadeira.

Zand puxa um banco que estava ali perto, do mesmo tipo que seu mestre está usando, e se senta.

- É boa a vida calma daqui. Tenho conseguido fazer os móveis direito. É coisa de família mesmo, é natural para mim. Claro que não são exatamente obras de arte, mas são úteis e resistentes. Às vezes sinto falta de usar uma espada. Queria participar de alguma grande aventura mais uma vez antes de me aposentar em definitivo. Acho que é isso.

- É, imagino. Para quem é um guerreiro tão competente, com tantas aventuras...

- Mas é a vida. Ah, faz uns meses que a Tila veio morar comigo...

- Tila?

- É uma filha minha, que conheci há uns quinze anos. Sabe como é essa vida de aventureiro, né? - e pisca o olho - Ela deve ter mais ou menos a sua idade. Pena que não está aqui agora. Foi com Howf levar alguns móveis para vender em Eudake, aqui perto, mas se for ficar aqui por uns dias você vai ter a oportunidade de conhecê-la.

- Hmmm... Melhor não.

- Por quê? Você sabe que lhe tenho muito respeito, Zand. Você é esforçado e inteligente. Minha filha é bonita e

vocês se parecem muito na forma como pensam. Acho que vocês se entenderiam muito bem.

- Não, é sério. Depois que te contar o que vim contar, tenho certeza de que vai me entender.

- É o dragão, não é?

- É.

- Tudo bem. Acho que as coisas vão piores do que pensei. Fale-me, meu jovem discípulo, o que te aflige?

- É uma longa história.

- Bom, então vamos dar uma olhada no pessoal da cidade? Você deve estar com saudades deles! E eles também!

- Não é má ideia.

- Então vamos agora! Percebo também que ainda não está à vontade para tratar do que veio tratar, então de noite você me conta.

Episódio 27: Num Bar de Efrea

- Zand! Mas é Zand!? Como vai meu amigo Zand?!

Um dos clientes do pequeno bar se levanta, animado.

- Tuk! Uma rodada de cerveja pra comemorarmos a volta de Zand!

Um sujeito com a cara quadrada, cabelo penteado e uma roupa amarela. Puxa cadeira para os dois. Mais três, um deles da mesma mesa, se levantam para receber Willen e Zand.

- Duagro, como vai? Que tem feito?

- Ora, agora meu pai é prefeito de Efrea, não sabe?

- Claro, claro... Mas já o era desde quando parti.

- Mesmo? Oh! Bem, nem faz tanto tempo assim pelo jeito, mas é sempre bom receber de volta um amigo aventureiro. Sabe como é bem: nessa vida de vocês é fácil alguém nunca mais ser visto, então é uma alegria enorme vê-lo, meu amigo.

- Igualmente, igualmente.

- Aqui, Zand! - é o homem do bar que traz uma caneca de cerveja para Willen e outra para Zand e lhes dá uns tapinhas nas costas - Estas duas são por conta da casa.

- Muito grato, Tuk.

- E o que tem feito da vida, meu amigo viajante do mundo?

- Tenho apenas tentado viver. Algumas poucas aventuras, mas a maior parte da vida foi em paz em Erans.

- Erans... - Duagro coça o queixo. - Não lembro... Onde fica?

- Ah, nem se incomode. É uma cidade pequena, pouco maior que Efrea.

Duas mesas juntas e Willen apenas observa, sentado ao lado de Zand, enquanto os outros conversam, ansiosos por novidades de além das fronteiras da pequena cidade.

- Soube que Ephes Saipu morreu, é verdade? E que Obwir, seu filho mais velho, foi quem assumiu esse ano o reinado de Surdi... Foi o que ouvi falar.

- É, também ouvi rumores a esse respeito... - Zand simplesmente comenta, sem demonstrar muito interesse na conversa.

- Pois é, espero que o pirralho tenha bom senso e saiba manter paz com seus vizinhos.

- Ah, Duagro, também não é assim. Rei Ephes fez um grande trabalho. Se havia reis que não gostavam dele, por outro lado não chegou a haver confrontos. Ele soube tratar bem sim dessas questões.

- Ian, Ian, você não entende de política. Eu que estou envolvido em política é que sei. E sei bem o que Elphes podia ter feito e deixou de fazer.

- E você acha que entende de política só porque seu pai é prefeito? Não me faça rir, Duagro!

- Estou bem mais perto da experiência prática que você, disso eu garanto. Zand, o que acha a respeito?

- Olha... Realmente não tenho acompanhado tanto de política. Nos últimos anos tenho dedicado mais atenção a outros assuntos. Mas o que sei é que tomar decisões não é simples. Só quem tem que tomar as decisões é que sabe como isso é complicado. Você toma a decisão levando muitas coisas em questão pra depois as pessoas verem só um ou dois aspectos e começarem a julgar. Uns chamarão de burrice, outros elogiarão pela razão errada... Faz parte da vida de quem exerce o poder.

- Está vendo, Ian? Zand concorda comigo! Eu é que sei como é governar, você conhece só um ou dois aspectos.

- Não seja prepotente, Duagro! Zand não quis dizer isso! Zand falou que só quem decidiu é que sabe, e não que só quem tem pai político é que sabe. São duas coisas bem distintas!

- Ian, já me cansei. Você não entende desses assuntos. Não quero mais discutir com você.

- Será que vocês dois não percebem – um homem de barba grisalha, que bebia na mesa, intervém – que este assunto aborrece nossa ilustre visita?

- Tem razão, Pleu, tem razão...

- O que te traz de volta a Efrea, meu jovem? - Pergunta o barbudo, enquanto bebe mais um gole de sua caneca.

- Vim visitar meu antigo mestre Willen.

- Zand estava de passagem nas proximidades e resolveu aparecer pra me visitar. E conhecer Tila, de quem lhe falei, mas deu azar que Tila está em Eudake vendendo meus móveis.

- É mesmo... Olha, Zand, você não conhece a Tila? Essa menina é... - Ian pára um pouco ao se dar conta de que

está na presença de Willen. - Bom, é uma menina bem prendada. É muito bonita ela, você vai ver.

- Não se incomode, Zand, com nossos assuntos. Parece não gostar tanto de nos rever!

- Não, não se trata disso, nem se preocupe. É que estou fatigado da viagem, se me entendem.

- Claro, claro. - Duagro responde - Viajar cansa muito! E imagino que mesmo um aventureiro, acostumado a viajar todo o ano, não deva se acostumar totalmente a uma vida tão distante do que é pra ser.

- Zand, lembra-se de Kwi? - o homem de barba pergunta.

- Kwi... O sacerdote?

- Ele mesmo! Pois bem, ele disse que precisava ir embora e não deu maiores explicações. Simplesmente sumiu ano passado. Este ano já apareceu um novo sacerdote. É bem inexperiente e encrenqueiro, mas melhor do que nada, com certeza.

- É, isso é verdade. Outro dia, ele implicou com Ian mesmo, não foi Ian?

- Foi sim. Só porque eu entrei lá perguntando pelo sacerdote. Mas eu nem sabia que era ele! Parece tão novo! Uma criança ainda!

- É, não estranhe se precisar passar por lá e encontrar outra pessoa. O nome dele é Rob.

- Sabe que há dois meses esteve o Etaer por aqui, o que traz a bebida aqui pro bar, homem bom! Ele falou de uma criatura estranha que está atacando na estrada que vai pra Raraor... Disse até que quase foi morto por ela!

- É, já pensou que terrível! Ficaríamos um mês sem cerveja! Hahahaha!

- Comentário de mal gosto, hein Duagro.

- Ah, que é isso? Estou só brincando!

Zand apenas ouve as conversas sem participar muito. São sempre assim as grandes notícias de uma cidade pequena. Entediado, mas sem querer magoar os antigos amigos, ele apenas escuta e bebe um pouco enquanto espera o tempo passar...

Episódio 28: Amores e Dragões

Um lampião sobre a mesa de trabalho ilumina aquela enorme quantidade de madeira. Madeira já empregada em móveis e madeira ainda em chapas, num canto. É noite e duas cadeiras inclinadas, um tanto quanto confortáveis para móveis feitos somente de madeira, estão logo ali, ocupadas por Willen e Zand.

Willen toma mais um gole de sua caneca e a deixa descansar sobre um criado mudo. Olha um pouco Zand em silêncio. Zand suspira e muda a direção do olhar para a casa e arredores. Tudo escuro, mal se pode ver qualquer coisa por aqui. O antigo mestre de Zand tem mesmo num lugar isolado para viver.

- Então, foi isso que aconteceu? - Finalmente Willen retoma o diálogo.

- Sim, resumidamente falando.

- Zand, meu jovem, você é um sujeito estranho, sabia? Não é comum uma pessoa se apaixonar por um dragão. Também não é comum uma pessoa ficar dez anos apaixonada por alguém sem nem ao menos ver essa pessoa por esse tempo. Na verdade, nem é comum um aventureiro se apaixonar de verdade!

- Como não? No seu grupo mesmo não teve o caso de Noune e... não lembro... Fentite?

- Sim, teve. Mas não era a visão romântica que costumam contar. Os dois começaram a ficar juntos e terminaram se cansando de aventuras, só isso.

- Entendo... - Zand fala, desconfiado das palavras do mestre.

- Sim, é assim mesmo. Ainda lembro uma vez que Noune me disse, num bar: “Willen, estou cansado dessa vida de correr riscos. Quero ter uma vida de gente agora. E agora que apareceu Fentite, vou aproveitar pra me aposentar e ir morar com ela”. Não sei quanto a você, mas não me pareceram palavras muito românticas. É a realidade.

- Mas há exceções. Toda regra tem uma exceção.

- Tem, e é você. Parece que você é a exceção de todas as regras, Zand! Deixe-me te dizer uma coisa sobre o mundo. Algo que os anos me ensinaram e faz com que eu não me arrependa de não ter me casado com ninguém. As pessoas não se casam quando estão apaixonadas. Elas se casam quando descobrem alguém com quem consigam conviver em paz, é diferente. Porque essa paixão sempre cai quando enfrenta o dia a dia. Você está assim com o dragão ainda porque vocês nunca tentaram realmente

viver juntos. Toda essa paixão terminaria em pouco tempo. Esta é a dura realidade.

- Talvez tenha razão, Willen... Mas como disse que sou a exceção de todas as regras, isso me dá uma chance de que você esteja errado, pelo menos no meu caso.

- É, você é bom com argumentos. E acho que está certo. Cada um tem que viver a própria vida da maneira que achar melhor. Só acho que você devia era tentar matar um dragão e não se casar com ele.

- Muito engraçado...

- Ué, dragões não foram feitos pra isso? Se resolver matar o seu, não se esqueça de me chamar, hein?

- Acho melhor nem responder essa provocação. Mas me diga, mestre, você não se arrepende em nenhum momento de não ter uma família hoje?

- Não, não me arrependo. Vive o que pude por todo canto. Ter uma esposa hoje só me traria dor de cabeça. Já me basta a mim mesmo de velho pra ter que cuidar. Imagina dois velhos! Além do mais, Tila veio morar comigo. Tem coisa melhor? Aparecer uma filha pra cuidar do pai que está ficando velho? Ela é muito inteligente e comecei a ensinar a tradição de criar móveis a ela, sabia? Todo mundo em Efrea gosta dela e a aceita como vendedora

dos meus móveis. Um dia, quando eu morrer, ela vai ser a carpinteira e vai fazer tudo muito bem feito. Vai ser uma revolução na cidade. Sei que não vão querer aceitar uma mulher como carpinteira – aceitar como vendedora já exige um esforço, imagina carpinteira -, mas vão ter que aceitar porque ela vai ser das melhores.

- Que bom!

- Também tenho ensinado alguns truques de combate...

- Você não tem jeito mesmo, hein?

- Claro! Filha de guerreiro tem que saber usar pelo menos uma espada! Quando ela estiver sozinha? Tem que ser capaz de se defender! Não quero filha minha apanhando e sendo violentada e roubada não!

- Tila, não é?

- É, Tila. Você tem que conhecer ela. Você seria um ótimo partido pra minha filha. Você sabe que valorizo muito mais a história de uma pessoa do que a quantidade de moedas de ouro e nesse aspecto você tem muito do meu respeito.

- Muito obrigado, é uma honra. Mas, como disse, já estou enrolado de mais com duas pra querer conhecer mais uma candidata.

- Bem você que sabe. A vida é sua. Você tem que fazer o que achar que é melhor pra você. Olha, acabou a bebida. Vamos dormir?

Episódio 29: Insônia

No quarto, uma cama com colchão macio e a janela aberta deixa entrar uma migalha de luz. Uma escrivaninha com acessórios femininos. É o quarto de Tila, onde Zand tenta em vão dormir.

Não se lembra de quando Knova o conheceu, mas se lembra quando ela contou tudo. Ele estava em um grupo de aventureiros, viajando. Acamparam ali mesmo na Serra do Fogo. Zand subiu metade de um dos morros para ver o céu e tocar lira e cantar um pouco. Ela o ouviu e gostou.

Tempos depois os dois terminaram se vendo e desse momento Zand lembra muito bem. Não há como esquecer aquela ruiva altiva caminhando ali perto. Foi o que se pode chamar de amor à primeira vista.

Zand estava tão maravilhado que pensava ser uma ilusão, fruto de dias de viagem cansativa. Ou uma ninfa ou fada da floresta. Mas é claro que não poderia ser: ninfas e fadas não são tão... Distantes assim. Até são, mas nunca tanto quanto Knova.

Para ela fez as melhores cantigas, mesmo considerando as que vieram depois. Talvez por isso mesmo tenha

desistido de seguir como bardo poucos anos depois que se afastou das Serras do Fogo, quem vai saber?

Zand se levanta e vai até a cozinha lavar o rosto em uma bacia. Sai da casa do antigo mestre e vai até seu cavalo, que descansa no quintal. Há vegetação ao redor e o barulho de natureza noturna. Ruídos discretos por todo lugar.

Ele se senta encostado em Tornado, que acorda sonolento e o olha com seus olhos castanhos.

- Meu velho amigo... Feliz é você, que não precisa se preocupar com muita coisa na vida, não é?

Ao ver a expressão calma de Zand, o cavalo mexe um pouco a cabeça e volta a fechar os olhos.

E percebe alguém o observando da casa por alguns instantes, mas não se importa. Sabe que seu mestre apenas ouviu barulho e foi ver se havia algo errado, e logo vai entender e voltar a dormir.

“Como as coisas chegaram nesse ponto? A Goo era tão bacana, tão preocupada comigo sempre... E a doida da Zoka? Ainda era barda também pra completar! Por que diabos não dava certo com ninguém? Por que é tão difícil esquecer aquela maldita dragoa? Será que Willen está certo? Com a Knova seria do mesmo jeito que foi com as

outras se tivéssemos mesmo ido adiante? Pior que descobrir uma dura verdade é ter certeza de que nunca vou saber... Knova... Knovatsareinm...”

Encosta a cabeça no Tornado, usando-o como travesseiro ou encosto.

“Olhando bem, a fase mais bacana da minha vida talvez tenha sido no começo, o Besouro Fino. Ainda lembro bem daqueles tempos... O mago Pheacy, o bárbaro Oz, a sacerdotisa Glow e o guerreiro Aiff. Todos inexperientes, era bem divertido. E a Glow, muito séria e organizada, mas sempre saía quando eu chamava. Aiff veio comigo quando o grupo acabou e criamos o Besouro de Metal, mas nunca mais tive notícias daquele povo. Devia ter ido morar em Krokan com a Glow naquela época. Assim nem teria conhecido a Knova...”

“Rubi... É tão estranho encontrar alguém assim a essa altura. Em tão pouco tempo deu tudo tão certo, mas ao mesmo tempo ela exala perigo. Será que está certa também? Por um lado tem razão: Knova só me procurou quando precisou de ajuda pra recuperar seu tesouro.”

“Interessante, agora lembro... Aiff vivia falando de uma Atana, uma princesa de não sei onde que ele era gamado. Às vezes parecia que ele estava no Besouro de Metal só pra tentar fazer sucesso e quem sabe chamar a atenção

dela de alguma forma. Afinal, ele era como um herói da cidade dele... Será que conseguiu? Ou quando voltou pra casa ela já havia se casado com um nobre qualquer? Vai saber... Também, depois de Knova aparecer o Besouro de Metal nunca mais foi o mesmo...”

As imagens passam em sua memória... Missões com o Besouro Fino e o Besouro de Metal. Missões em outros grupos sem nome, dos quais não fez parte, só cumpriu uma ou outra missão. No grupo da Zoka mesmo, provavelmente o grupo onde mais atuou sem fazer parte. Teve até umas duas vezes em que a Zoka estava viajando e pediu pra Zand substituí-la por lá.

Os anos passaram e o mundo foi ficando mais cinzento... Depois que virou guerreiro, Zand não fez mais parte de nenhum grupo com nome próprio e nunca participou de mais que cinco missões em um mesmo grupo. Por mais que os aventureiros dos grupos insistissem por sua permanência.

“Eu que fui burro. Devia ter seguido os conselhos de Altapion... Agora estou aqui, sem objetivo na vida, tentando descobrir se peço Rubi em casamento ou arranco sua cabeça pra dar à Knova...”

Episódio 30: Café da Manhã

A cozinha é pequena, mas tem um fogão a lenha e uma mesa com três cadeiras. Dois armários e uma fruteira. No fogo, duas panelas inundam a casa com um cheiro típico de café da manhã. Numa, raízes de macaxeira sendo cozinhadas e na outra um chá preto sendo preparado. Willen sai da cozinha com um galho seco, de onde tirara as folhas para o chá. Sai diretamente para o quintal, onde avista Zand dormindo, de barriga para cima, com a cabeça e os ombros apoiados em sua montaria, que já acordou mas em respeito ao dono continua como estava, descansando.

Começa a jogar uns pedaços de galho em Zand, que logo desperta e olha para o mestre.

- Vamos! Já amanheceu! Vai cuidar da vida que daqui a pouco o desjejum está pronto.

- Estava com saudades dessa comida simples.

- É, geralmente é a Tila que faz comida, e prepara muito melhor que eu, mas de vez em quando sou eu que tenho que cuidar de tudo.

- É, é bom a gente ter que fazer as coisas sozinhos às vezes, não?

- Desconfio que sempre, no seu caso.

De repente, Willen começa a rir sozinho, enquanto coloca chá preto em sua xícara.

- Que foi?

- A Tila vai ficar decepcionada.

- Como assim?

- Quando eu disser que tivemos uma visita e que ela preferiu dormir no cavalo a dormir na cama dela. Hahaha!

Zand sorri também, fazendo sinal de negação com a cabeça.

- Mas não foi bem assim! A cama dela é confortável! É que não conseguia dormir.

- É, eu sei... Seria bem mais confortável se ela estivesse lá também, não é?

- Que tipo de pai é você, hein? Geralmente os pais protegem as filhas! - Zand responde, divertindo-se com a conversa - Você desde que cheguei que quer me empurrar sua filha. Se ela estivesse aqui é bem capaz de eu já ter dormido com ela de tanto que você ia insistir.

- Zand, sério agora. Você veio em busca de um conselho e um conselho eu te dou: esqueça esse monstro. Dragões são monstros e ela não quer nada com você.

Num flash, Zand recorda o sorriso de Knova. Um sorriso discreto, mas não tímido. Um sorriso de quem pouco sorri e talvez, por isso mesmo, tão precioso.

- Dragões não se dão bem nem entre si! Que dirá com outros de outras espécies! É a natureza, afinal, dragões foram feitos para trazerem o terror e aventureiros foram feitos para caçar dragões. Esse é o caminho normal das coisas.

Zand desiste de responder. Diria que Knova não é assim, que a conheceu o suficiente para saber que no fundo ela é uma boa pessoa, apesar do orgulho incalculável. Nem tanta ganância assim ela tinha: só queria viver em paz com seu tesouro.

- Você sabe como dragões surgiram, não sabe? - Willen pergunta. - Claro que sabe! Você é um bardo! Então sabe muito bem que dragões vêm de uma espécie de um rei que foi amaldiçoado por sua ganância há milhões de anos. São monstros, nada mais.

- Com todo respeito, mestre, mas esta é apenas uma versão. Uma de milhares de versões que contam essa história.

- E há tantas assim? Em quantas dragões são criaturas do bem?

- Em algumas. Há uma versão que os dragões evoluíram de lagartos. Em outra, dragões são criaturas do deus Drako e foram criados para dominar. Há uma ainda em que dragões são descendentes diretos de certos deuses, sendo meio deuses também.

- Tudo bem, não discuto mais. Mas ainda acho que você deveria esquecê-la. E quem sabe até matá-la.

- Agradeço o conselho, mas matá-la está fora de cogitação.

- De qualquer forma, é você quem sabe...

Os dois continuam comendo por um tempo, sem pronunciarem qualquer palavra. Até que Willen volta a falar.

- Entendo o que você sente, filho. Não por experiência própria, mas como sabe já tenho alguma idade e ela não foi em vão. Entendo sim. E digo mais, pra ser sincero, no seu lugar eu não saberia o que fazer, porque ao que parece o coração escolhe caminhos sem sentido. Mas a razão diz que esqueça ela, e fique para conhecer a Tila! Ela volta semana que vem!

Zand sorri como resposta à simpática insistência.

- E essa outra? Por que não se resolve com ela então? Você falou pouco a seu respeito. Só lhe digo uma coisa: quem consegue vencer um dragão, seja na conversa, roubando ou matando, está muito longe de ser uma pessoa qualquer. É alguém especial. E vocês dois têm isso em comum: vocês dois ficaram diante de um dragão e sobreviveram para contar a história. Isso tanto pode ser perigoso como interessante.

- Já tomei minha decisão.

- Já? E qual é?

- Vou atrás de Rubi. Vou tentar endireitar minha vida e esquecer de vez aquele dragão.

- Assim é que se fala, filho!

Episódio 31: Nos Braços de Rubi

O tempo é relativo. Esta é uma das grandes verdades da realidade. Zand mal se lembra do dia em que deixou mais uma vez seu mestre Willen. Não se lembra mais de detalhes, de quantos dias passaram, por onde passou ou como finalmente tudo isso aconteceu. Não que tenha sido vítima de algum feitiço, ao menos não que ele saiba. Não se lembra mais de nada porque saíra perdido em pensamentos, porque tudo correu normal e seus sentidos eram chamados com informações sem importância e, por isso fechava-lhes as portas.

Zand só sabe que decidiu arriscar tudo e ver onde terminaria e está agora num quarto de hotel, numa cama com Rubi, que ainda dorme no início dessa manhã. E fica apreciando os traços delicados do rosto da ladina, e seus cabelos ora ruivos, ora negros.

A intenção serve pra alguma coisa? Há quem diga que o que importa é a intenção, mas será que os deuses são assim? Porque Zand foi com intenção de encontrá-la e terminou encontrando muito mais rápido do que esperava, na verdade ela o encontrou antes que ele a ela.

- Oiiii... - Rubi se espreguiça e sorri ao abrir os olhos e ver que estava sendo observada. - Que fofo... Há quanto tempo se acordou e está me olhando?

- Não muito.

- Você sumiu. Pensei que não voltaria mais. Ainda bem que estava errada. - Ela fala carinhosamente, antes de um beijo.

- Vocês não partiram de Cehdiw ainda, por quê?

- Podia dizer que estávamos esperando você voltar, mas não seria verdade para Halkond e Azkelph. Estamos ainda nos preparando para resgatar um artefato poderoso. Claro que você já ouviu falar da Lança de Raphro.

- Claro que sim! Foi forjada há mais de mil anos e usada por grandes guerreiros! Criada pelo lendário Rophla...

- Nunca ouvi falar... Não foi o Rophla que destruiu um monstro que veio do abismo e destruiria o mundo se não fosse por ele?

- Foi um mago poderosíssimo justamente na construção de armas. Raphro foi o guerreiro que se tornou famoso justamente por causa dessa lança. Por isso ela também é

chamada por alguns de Roph-Raph, que vem de Rophla e Raphro.

- Bacana! Já ouvi esse nome mas nem imaginava a razão. Viver com um bardo é legal, a gente sempre aprende alguma coisa...

- Pode apostar que sim, mas a gente está junto há quanto tempo? Desde que vim nem faz um dia. Se contarmos desde que nos conhecemos, menos de dois meses...

- Pra mim é o bastante pra saber se gostou ou não de alguém. - Rubi rouba um beijo demorado...

De repente um frio percorre a espinha de Zand, interrompe o beijo e afasta um pouco o rosto de Rubi para poder olhá-la nos olhos.

- Pra que vocês querem essa lança? - A pergunta era meramente retórica. Rubi simplesmente o olha com ternura enquanto aguarda o fim do raciocínio de Zand. - A Raph-Roph não é famosa só por esses dois grandes nomes.

- Não dá pra esconder nada mesmo de você... - Rubi desliza os dedos pelos cabelos de Zand, mantendo o mesmo olhar que mistura admiração e ternura, diante dos olhos assustados de Zand.

- Foi com a Raph-Roph que o mercenário Aidro matou Ekstkailunx, um antigo... Dragão vermelho...

Episódio 32: Em Explody

O céu alaranjado quando avistam as primeiras casas de Explody, uma cidade que se espalha aos pés de um vulcão de mesmo nome.

Halkond, Azkelph, Rubi e Zand, em seus cavalos, finalmente chegam à cidade pretendida. Zand e Rubi dividindo o mesmo cavalo, enquanto Tornado é guiado sem levar peso.

- Então é aqui mesmo... Foi aqui que o último dono da Lança de Raphro a enterrou, não é? - Halkond pergunta, da frente.

- Acho que sim. - Zand responde - Ela foi roubada por um grupo que cultua dragões. Sessenta anos depois o grupo foi extinto, mas antes disso, dizem as lendas, a lança foi trazida e escondida nesse vulcão.

- Bom! Muito bom! Então vamos dormir por aqui, pois já está anoitecendo.

O grupo passa por essas ruas, sob olhares curiosos e amedrontados dos moradores. Há muito uso de pedras e barro por, ao que facilmente já se nota.

- Boa noite, senhor. - Azkelph se aproxima de um velho que encontra caminhando pela calçada – Somos um grupo de viajantes e já está tarde. Precisaremos dormir aqui em Explody. Poderia me dizer onde podemos encontrar uma pousada?

O homem aponta para uma entrada à direita mais à frente e continua caminhando.

- Bem, vamos lá!

Eles param diante de um prédio estranho e grande, escrito “DOZE”. Azkelph entra e logo volta com a informação.

- É aqui mesmo.

“Doze... Que nome estranho para uma pousada. Nunca ouvi falar disso. Por mais que se ande mundo afora sempre há algo de novo pra gente conhecer...”

Zand desperta com batidas na porta. Caminha até lá e não precisa ver para adivinhar que é Rubi. Ela o beija e entra no pequeno quarto.

- Zand, esquece aquele monstro... Ela não quer nada com você!

Ele simplesmente não responde.

- Você está tão diferente ultimamente. Está tenso...

- Já é dia?

- Acho que ainda não, mas deve faltar pouco. Estranha essa terra, não é? Uma pousada chamada Doze... Eu adoraria saber a história desse nome...

- Eu também adoraria, em outros tempos...

- Ah, Zand, vem cá...

Zand acorda mais uma vez. Rubi está abraçada a ele. Sua mão direita desliza suavemente sobre os cabelos castanho avermelhados de Rubi, enquanto ele pensa em tudo o que ocorreu até aqui. Ultimamente parece não ter feito outra coisa e ainda assim, tanto pensar não lhe trouxe nenhuma resposta até o momento.

Em outros tempos iria procurar o dono da Doze pra perguntar a origem do estabelecimento, iria procurar mais informações sobre a história local, os heróis e vilões de Explody, já que nunca esteve por aqui antes, mas não consegue se concentrar nessas coisas.

Olha para o quarto com mais atenção, agora que alguns raios de luz passam pelas frestas da velha janela de madeira. Tijolos acinzentados por todo canto. A cama

também é de tijolos, mas com um colchão de penas. Não é muito confortável, mas dá pra dormir.

O braço de Rubi começa a se mexer para atender os dedos, que procurando o rosto de Zand.

- Já pensou no que podemos fazer com tanto tesouro?

- Alguém já te disse que roubar é feio?

- Já, mas fazer o quê? Eu não presto mesmo! - Rubi o beija e pára, encarando seus olhos como se pudesse ler o mais fundo de sua alma através deles. - Como um dragão consegue seu dinheiro? Que eu saiba, dragões não são famosos por serem ferreiros, comerciantes ou por lapidarem joias... Se tiramos o dinheiro deles, estamos apenas corrigindo um erro histórico: aquilo pertence às pessoas e não aos monstros.

- Você é preconceituosa, sabia?

- Eu? Imagina...

- Vem cá... - Ele a beija e se apoia sobre ela, que sorri, ainda deslizando os dedos sobre o rosto de Zand.

- Eu aposto que conheço uns truques que aquele monstro, mesmo vivendo por tantos anos, nunca imaginou...

O dia amanhece em Explody. Os raios do Sol reforçam os tons cinzentos do vulcão, que há anos dorme. Um novo dia e muito trabalho pela frente...

Episódio 33: Dentro do Vulcão

Nem tão perto do topo, nem tão perto do chão. A entrada estreita leva para dentro de Explody por corredores estreitos, escuros e quentes. Uma luz tênue ilumina o lugar, vindo das mãos de Azkelph. Rubi vai à frente, seguida por Zand e com Halkond ao fim, após o mago.

- Estranho que não haja uma passagem secreta para poder entrar no vulcão, não acha? - Halkond comenta.

- Acabamos de entrar e estamos longe ainda de encontrar a Lança de Raphro. - É Azkelph quem responde.

- Ah, mas tá muito fácil. Deve ter alguma coisa errada. Devemos estar no caminho errado. Aposto como existe outra entrada lá fora.], escondida, para o lugar real.

- Pode ser, mas não tem problema.

- Se for, estamos perdendo tempo.

- Se for, nós felizmente temos tempo para perder – Rubi fala, de lá da frente -, pelo menos por enquanto. Então vamos seguindo todo mundo feliz e deixem eu me concentrar aqui. Pode ser, rapazes?

Roph-Raph, Lança de Raphro... Você sabe quando algo é realmente grandioso quando gente do mundo todo conhece, muitas vezes até por nomes diferentes.

- Continuo achando que não é por aqui. - Halkond insiste na discussão. - Se fosse por aqui o pessoal da cidade iria achar o artefato e já tinha retirado.

- Cara, deixa de ser chato! - Azkelph responde - Se não for a gente volta!

Zand coloca a mão sobre o ombro de Rubi, que lhe responde com um sorriso.

- Que foi, gatinho?

- Ainda não acredito que estamos procurando essa arma...

- Não se estressa. Isso não faz bem. Logo tudo estará acabado e a gente vai estar em outra situação, podendo comandar muita gente e transformar o mundo pra melhor.

- Sinceramente, não sei até que ponto essa ideia é boa.

Rubi simplesmente segue vasculhando armadilhas, enquanto, alheios a essa conversa, os dois lá atrás acompanham. Halkond ainda resmunga.

São longos os minutos pelos corredores abafados. Rubi com uma roupa de couro a cobrindo quase totalmente. E Zand fica pensando no quanto uma roupa assim deve esquentar num lugar como esse. Para proteção, ela assegurara.

Finalmente todos avistam uma sala pedras espalhadas pelo chão e uma passagem.

- Puta merda... - Halkond deixa escapar.

“É, chegamos atrasados?”

Rubi pede cautela enquanto investiga visualmente o que pode ter acontecido. Mas logo eles entram na sala. Uma sala diferente, revestida com mármore. As paredes têm algumas marcas de pancadas e no centro há um suporte de armas. Um suporte de armas vazio. Provavelmente ali estava a Roph-Raph até sabe-se lá quanto tempo atrás.

Episódio 34: Investigação

- É melhor assim, só assim vocês desistem dessa loucura! - Zand deixa escapar, mas ninguém gosta do comentário.

- Nós precisávamos dessa maldita lança! - Halkond se desespera. O que a gente faz agora?

- Calma, agoniado. - Azkelph intervém. - Tudo tem jeito. Se não conseguimos a lança, podemos utilizar outras armas. Ela não é a única arma poderosa do mundo.

- Mas é a Lança de Raphro, droga!

- Exatamente" De Raphro! Não é a Lança de Halkond, nem Lança de Rubi, nem de Azkelph ou Zand. As nossas vidas podem prosseguir sem ela.

- É frustrante isso, sabia? Será que a gente não acerta uma!?

Enquanto os dois discutem, Zand e Rubi tratam de um assunto mais útil para o momento.

- Explosivos... Só isso, Rubi?

- Até o momento, só... Mas tem que haver mais alguma pista...

- Você já olhou aquele espelho quebrado?

- Já, o que tem ele?

- Por que foi quebrado?

- Você sabe que espelhos podem esconder compartimentos secretos, não sabe? Ou armadilhas... Deve ter sido por isso que foi quebrado.

- Verdade.

- Por outro lado... Esses símbolos parecem não ter nada a ver... Parecem ser de dois grupos diferentes...

Zand se aproxima do chão, onde Rubi investiga certos símbolos estranhos. Olha para as paredes e vê outros símbolos. Todos os símbolos parecem místicos, mas eles parecem muito diferentes entre si, como se fossem de dois grupos distintos.

- Claro, Rubi! Os símbolos no chão foram escritos depois! E olhe que foram pintados no chão, diferente das paredes, que parecem ter sido esculpidas.

- Verdade... Quem será que fez isso?

- Não sei.

- Será que dá pra gente descobrir, Zandinho?

- Realmente ainda não sei. É muito difícil, não acha?

- E aí? - É Halkond que se aproxima dos dois. - Vamos embora? Essa porcaria já foi perdida mesmo!

- Espera um pouco. - Rubi responde. - Talvez ainda tenha jeito.

- Você não desiste fácil, não é? A essa altura já me conformei que perdemos a maldita lança.

Halkond e Azkelph saem da sala depois de algum tempo e deixam Rubi e Zand continuarem à procura de um milagre.

- Os símbolos mágicos foram utilizados para romper algum encantamento de proteção, para que a lança pudesse ser retirada com segurança...

- Certo, mas daí pra frente?

“Difícil demais descobrir quem foi. A lança parece ter sido removida com tanta facilidade que...”

- Ei, Zand! Você viu isso aqui?

- O quê?

- Uns símbolos diferentes daqueles...

É próximo à entrada. Mal dá pra serem notados. Símbolos escritos arranhando a parede com algum material pontudo.

- Ei! - De repente imagens passam pela cabeça de Zand. Havia alguém que fez todo o trabalho difícil e uma pessoa a mais pelo menos. Uma pessoa no grupo que ficou entediada e começou a rabiscar a parede. E Zand conhece esse humor e esse traço. - Vamos atrás de Vextro!

Episódio 35: A Longa Jornada

“Eis como é a vida de aventureiros. Mal chegamos a Explody, já partimos. Agora, para Iufi.” É uma cidade não tão grande, mas é uma cidade. Bem maior que Explody. No reino de Surdi, e lá vai o grupo atravessar o continente numa longa viagem...

- Tem certeza de que foi ele? - Halkond ainda reclama, afinal é uma viagem longa. E se for a troco de nada?

- Eu conheci Vextro. Ele tinha mesmo esse hábito. E o que está escrito lá é geralmente o que ele costuma escrever.

- E o que ele escreveu?

- Nada demais... Só palavrões e vandalismo, em trunion simplificado.

- Você conhece essa língua?

- Não, mas eu conheço Vextro. E sei o que ele costuma escrever quando está entediado.

- Gente, vamos... - Rubi resolve intervi para acalmar os ânimos. - Não custa nada a gente ir lá atrás desse sujeito. Além do mais, não temos nenhuma outra pista. E isso que Zand diz parece fazer sentido. Esse Vextro seria um

mercenário que trabalhou para quem realmente pegou a lança.

- Tudo bem, não temos escolha mesmo. Mas não me diga que não custa nada... Estamos atravessando o continente, ora!

- Halkond, não seja assim... Já, já a gente chega.

- E se ele estiver só nos afastando da Serra do Fogo pra proteger o dragão?

Rubi olha para os dois com aquele olhar de mãe que repreende com certa ternura as malcriações dos filhos... Então se volta para Zand.

- Podia aproveitar e nos falar mais sobre esse sujeito.

- Não tem muito o que se falar sobre Vextro. É um mercenário. Um bárbaro. Forte como poucos, mas pouco inteligente. E tem um fraco pela bebida, o que não lhe ajuda muito...

- E o que ele queria com a lança de Raphro?

- Provavelmente nada. Como eu já disse antes, ele deve ter sido contratado por alguém. Esse que o contratou é que quebrou os bloqueios místicos que protegiam a lança e a levou. Provavelmente, Vextro foi apenas um guarda-costas e quebra-galho, para nossa sorte.

Ainda é cedo, quando o grupo se afasta de mais uma cidade em sua jornada. Os quatro a cavalo. Rubi e Zand bem próximos, apesar de virem evitando cansar demais um dos cavalos: agora a maior parte do tempo, cada um no seu.

- Essas viagens cansam, né? - Halkond reclama, e encara Azkelph - Ainda não sei porque não usamos teletransporte...

- Não é sábio usar magia quando há outros caminhos.

- Você e suas superstições! Devia ter sido guerreiro ao invés de mago então! Não aguento mais passar por essas cidades inúteis que nem sei o nome.

- Não fale assim... - Zand intervém. - A maioria dos grandes nomes da nossa História vêm de cidades assim pequenas.

- E eu com isso? Continuam sendo inúteis! Se eles tivessem nascido em cidades maiores, teriam sido nomes maiores ainda na nossa História!

- Pliup... Depois Glukiu... - Rubi começa. - Esqueci a terceira.

- Cyon. - Zand ajuda.

- Isso! E essa agora Chaglas!

- Exatamente.

- Vocês são loucos...

- Que tipo de viajante é você, que nem ao menos sabe por onde anda?

- Não me importa. O que me importa é chegar logo. E esse reino que não chega...

- Que reino? Já estamos em Surdi.

- Desde quando?

- Desde ontem de tarde. Em uns dois dias, nós chegaremos.

Episódio 36: Vextro, a Lança!

Ainda é metade da tarde, quando ao longe se vê os primeiros traços de Iufi.

Todos seguem Zand, e não é de agora. Ele passa pela cidade com olhar atento. Uma pequena cidade e seus olhos hostis. Então, sem pedir informações a quem quer que seja, Zand sai da rua principal em uma rua esquisita qualquer e diminui a velocidade do Tornado à medida em que se aproxima de uma peculiar casa de pedras na calçada à sua direita.

Zand desce e caminha até a porta da casa. Rubi resolve descer também, enquanto os outros dois apenas observam de suas próprias montarias.

- Vextro!!!

Discretamente Rubi se aproxima, mas não vai para junto de Zand. Ao invés disso caminha para o lado da casa.

- Ei! - Ela grita, e os dois a cavalo prontamente reagem galopando na direção que Rubi aponta.

Em pouco tempo ali está o bárbaro encurralado contra uma das paredes da sua própria casa.

- Por que ia fugir, Vextro? - Zand começa a abordagem.

- Não é da sua conta!

- Você sabe o que nós queremos, por acaso?

- Claro que sim! Não sou burro. Mas vocês não vão me levar a lugar algum!

Zand e Rubi trocam olhares. Ela toma a frente.

- Olha, garoto, queremos saber apenas uma coisa: quem contratou você?

- Como assim?

- Sim, quem contratou você para ir até Explody? É melhor você responder, porque nossos amigos ali não estão de bom humor hoje.

- Explody... Sim, o vulcão. Então... É, eu fui lá.

- Diga: quem contratou você?

De repente Vextro desata a rir alto.

- Então vocês não sabem? Vocês não vieram atrás de mim!? Hahahahahaha!

- Explique-se, porque pode ser que nós mudemos de ideia. - Zand volta a confrontá-lo.

- Não, tudo bem... O que vocês querem de mim então?

- Queremos saber quem contratou você! Ela já perguntou!

- Pra que vocês querem saber?

- Não é da sua conta.

- Talvez agora seja.

- Por que não diz logo quem contratou você, droga!? - Halkond, com raiva, desce do cavalo.

- Vocês... São quem? Por que não dizem logo o que estão querendo? Talvez eu possa ajudar.

- Muito bem... - Zand fala. - Queremos um objeto mágico que foi roubado do vulcão.

- Precisamos dele para que o espírito do vulcão viva em paz. - Rubi completa. - Pelo menos é o que acredita aquele povo idiota de Explody, por isso nos contratou.

- Hahahahaha!! Espírito do vulcão? Hahahaha! Está bem, está bem... Talvez eu possa mesmo ajudar vocês. Quanto estão dispostos a gastar pelo objeto mágico?

- Ora, você o roubou?

- Quanto?

- Cem peças de ouro. - Zand responde.

- É muito pouco!

- Não é. É parte da recompensa. - Complementa. - Recebemos quinhentas peças de ouro. Isso dividido por nós quatro e por você dá cem para cada. E ainda estamos em desvantagem pois tivemos gastos com a viagem.

- Ainda assim.

- Entenda uma coisa, sujeito. - Halkond volta a interferir. - Nós vamos levar aquela lança de um jeito ou de outro.

- Tudo bem, vocês podem levá-la.

A caminho de volta, e a Roph-Raph sendo levada por Azkelph. Rubi aninhada nos braços de Zand, sobre o Tornado.

- Ele se comportou de uma maneira muito estranha, esse Vextro, não Zandinho?

- Ele achou que estávamos atrás dele.

- Justamente o que estive pensando... Seja lá quem o contratou como escudeiro não teve lá uma boa ideia.

- Você acha mesmo que ele matou o contratante?

- Zand, este mundo é cheio de traições...

Eles seguem um pouco mais, até que Zand pára todo o grupo.

- Sabem de uma coisa? Já que estamos por aqui ainda, que tal a gente permanecer mais um tempo?

- Por quê? - Halkond retruca, voltando em seu cavalo, contrariado. - Já temos o que viemos buscar.

- Acabo de me lembrar de uma lenda sobre uma espada que não está muito distante daqui. Alguém já ouviu falar de Eve-64?

Episódio 37: Eve-64

Há cerca de 600 anos houve uma grande guerreira, conhecida simplesmente como Eve. Não era das mais bonitas aventureiras, ao que se diz, mas não era feia. Era uma guerreira forte, ágil e inteligente, daquele perfil de aventureiro que marca a sua época e se destaca facilmente na multidão. Mas ela terminou desenvolvendo um vício, se é que se pode chamar assim.

Era sua busca por uma espada perfeita, que fosse rápida e forte como ela própria. Essa busca se tornou uma obsessão e logo ela estava fazendo as mais perigosas jornadas e missões, juntando dinheiro justamente para procurar sua arma perfeita.

Depois de algumas dezenas de espadas adquiridas em missões ou compradas por todo o mundo, Eve começou a mandar fabricar espadas, a encomendar. Cada espada vinha com uma letra “E” minúscula e um número de controle gravados. Há quem diga que ela não mandou fazer tantas espadas assim e que o número de controle na verdade começava nas espadas que ela já tinha antes, apesar de não estar impresso nelas.

Eve já tinha a espada de número 63, quando soube de um jovem mago que começava a estudar energias espirituais.

Como era inevitável, ela o procurou. O jovem mago tentou alertar que as energias com que ele estava lidando eram fruto de um estudo novo demais e totalmente experimental, mas não teve jeito: ela insistiu e pagou bem por isso.

Um ano depois, Eve estava com sua nova arma, que chamou de Eve-64, na nomeação que era de seu costume. Ela partiu para testar seu novo brinquedo numa missão em um reino distante, enfrentando criaturas místicas.

Relatos contam que num certo momento houve uma explosão durante tais confrontos e Eve sumiu. A espada mudara de cor. Desde então dizem que a consciência de Eve está presa na espada e que quem a empunha consegue se comunicar mentalmente com ela...

- Nossa, que horror! - Rubi fala, apertando o braço de Zand. - Por isso que não gosto de magias muito mirabolantes, só o básico mesmo já tá bom demais!

- Mas a espada era boa mesmo? - Halkond pergunta.

- Era, e dizem que a junção com a consciência de Eve a deixou ainda mais forte. Sem contar que Eve era uma guerreira genial, tinha uma visão incrível de estratégias de combate.

- E o que será que aconteceu pra coitada ficar presa dentro da espada, hein Zandinho? Já pensou? Seiscentos anos presa dentro de um objeto! Isso me dá medo!

- Deve ter acontecido um choque de campos de fluxo mágico. - Azkelph responde a Rubi. - Uma sobreposição de ordem meta-mística. Já ouvi falar de relatos desse tipo de coisa. É o seguinte: existe algo que chamamos de “linhas de magia”, que é a fonte de onde tiramos a energia para executar nossa arte. Quando duas forças grandes de linhas de magia diferentes se confrontam, pode acontecer uma sobreposição de fluxo mágico, que acaba levando a resultados inesperados.

- Nossa!

- E agora, pensando melhor, acho que quando estudava para ser mago ouvi falar desse caso específico dessa guerreira, mas sem tantos detalhes.

- Eu que não queria que isso acontecesse comigo. - Rubi desabafa.

- E onde está essa espada hoje? - Halkond pergunta.

- Em uma masmorra aqui perto, pelo que dizem as lendas.

- Tá... E por que ainda está lá? Por tanto tempo? Já que é tão poderosa assim...

- Tenho minhas teorias... Primeiro, que hoje poucos conhecem a história da Eve-64 ou mesmo da Eve. Segundo, por causa das criaturas espectrais que a espada atraiu: fantasmas. Terceiro, porque guerreiros geralmente são prepotentes e não gostam de ouvir palpites, menos ainda de uma mulher...

Episódio 38: Masmorra

- Quase que a gente não acha essa porcaria! - Halkond solta, enquanto ele entra nas ruínas subterrâneas iluminadas fracamente por um globo de luz mágico na mão de Azkelph. Os outros já estão lá.

- Lendas nem sempre são precisas, ou mesmo corretas. - Zand responde.

O lugar é cheio de pedras que caíram das paredes, algumas o suficiente para deixar uma passagem, outras não... Há portas arrombadas, outras ainda trancadas de madeira velha. Um ambiente sombrio, como se a qualquer momento se pudesse ouvir gritos estridentes dos presos que outrora aqui sofreram. Ou como se a qualquer momento os próprios presos de outrora fossem se erguer e correr contra o pequeno grupo de aventureiros.

- O que foi isso? - Rubi pergunta, olhando para um corredor por onde passa. Ninguém mais ouviu, mas todos ficam a postos.

Algo se aproxima correndo. Algo estranho...

- Um esqueleto!?

Um estrondo ecoa, seguido pelo barulho de ossos caindo. Halkond num giro da Roph-Raph desfaz a criatura.

- Essa arma é mesmo boa hein! - Comenta, olhando os ossos totalmente separados e sem vida, espalhados a seus pés, pelo chão.

- Vamos prosseguir.- Rubi fala e segue em frente, tentando evitar que o grupo perca um precioso tempo.

Eles seguem mais um pouco, inquietos com o que pode acontecer. Afinal o esqueleto, mesmo sendo apenas um esqueleto, estava se aproximando em velocidade.

Poucos passos além e eles estão trocando olhares novamente.

- Será que são mais esqueletos? - Azkelph pergunta.

- São. - Rubi responde prontamente. - Mas ainda estão um pouco longe.

- Como você sabe?

- Ouça o barulho! É barulho de ossos, ora!

- Mas... - Antes que Azkelph complete a frase, um urro altíssimo acima de suas cabeças. A luz se apaga.

- Que está havendo?! - Halkond grita. Pode-se ouvir ele golpeando não se sabe o quê com a lança.

Uma voz agonizando se ouve perto do chão.

Alguns segundos depois, a luz volta da mão de Azkelph. Rubi e Zand juntos, estão presos um ao outro por um dos braços. Com o outro, Zand empunha sua morningstar e Rubi um sabre. Azkelph está próximo de ambos. Do outro lado, Halkond golpeia o vazio, parando com a chegada da luz.

- O que foi que houve, Azkelph?

- Desculpe-me. Perdi a concentração. Isso não poderia acontecer.

- Não mesmo!

- E o que foi aquilo?

- A prova. - Zand responde enquanto puxa Rubi para que continuem o caminho. - A prova de que as lendas estavam certas ao menos nesse ponto.

- É, aqui está assombrado.

Uma risada de menina de cinco anos, com ar de maldade, de repente rasga o quase silêncio. Eles olham em volta e nada veem.

A jornada prossegue e aos poucos vão se acostumando com choros, gritos, urros e gargalhadas que vêm do nada. Por vezes um arrastar de cadeira ou uma briga de espadas.

- Tem alguma coisa estranha aqui. - Rubi fala apontando para uma sala. Os outros se aproximam e entendem o que Rubi queria falar.

A luz não entra na sala. Se desfaz em poucos centímetros e se perde. Azkelph aproxima a mão com o globo de luz mágica, com todo cuidado e o globo vai ficando mais fraco à medida em que entra na sala. Ele recua o braço.

- É como se estivesse sob efeito de uma magia de escuridão.

- E isso é muito mal.

- Não, isso não faz mal nenhum. Só nos impede de enxergar. O perigo é o que existe nessa sala que alguém não quer que a gente enxergue.

- É como se fosse uma neblina de sombra...

- Deve estar aí. - Zand fala.

- Quê?

- A Eve-64.

- Você está louco?! Como pode saber?

- Intuição. - E se volta para Azkelph. - Não consegue dissipar essa magia?

- Posso tentar...

Ele começa a gesticular e falar palavras em algum idioma arcaico

- O que querem?

A voz é grave e vem de dentro da sala.

- Agora danou-se... - Halkond responde, já posicionando a Roph-Raph, mas Zand o interrompe.

- Procuro Eve.

- Que Eve?

- Eve, a Guerreira.

- Procura Eve...

A voz parece bem mais calma. Após um tempo de aparente reflexão, a voz volta a falar.

- O que ganho em troca? Um de vocês tem que ficar.

- Calma! - Zand fala para Halkond, que já iria entrar na sala com a lança.

- Isso já é abusar da minha paciência!

- Calma, que a gente dá um jeito...

- Tudo bem. - Quem responde não é Halkond que responde, mas a voz estranha. - De qualquer maneira, Eve já espera por você.

Os outros se olham espantados.

- Pode entrar, mas entre só.

- Não vai, Zand! - Rubi segura seu braço.

- Tenho que ir.

- E se não voltar?

- Não se preocupe. - Zand a beija e a olha nos olhos. - Eu voltarei.

Episódio 39: Eve

Em meio à escuridão é como se o corpo de Zand estivesse anestesiado. Por um momento sente apenas a consciência. E percebe claramente, mesmo sem ver ou ouvir, a presença de várias pessoas o observando nessa escuridão.

“O que você procura, aventureiro?”

É uma voz feminina autoritária e não é difícil deduzir que é de Eve. Uma voz que Zand ouve ecoar dentro de sua própria cabeça.

- Procuro ajuda em uma missão.

- Que tipo de missão?

- Vamos à caça de um dragão vermelho.

- Você não me engana, aventureiro. Sua coragem e sua presença não são fracas, mas seu coração bateu mais forte ao falar de tal dragão. O que você pretende com isso?

Zand não fala por um momento, até que responde Eve.

- Primeiro, preciso salvar uma mulher. E a única forma de ela viver em paz é sem a presença desse dragão.

- Dragões têm muito orgulho e qualquer coisa que queiram fazer é mais importante do que perseguir uma pessoa qualquer, aventureiro. O que essa mulher fez para merecer tal atenção?

- O grupo dela saqueou o dragão.

- E o que o grupo dela tem a ver com você, aventureiro?

- Hoje eu faço parte do grupo dela.

- Entendo... E o que espera de mim?

- Gostaria do seu apoio nessa difícil missão.

- Sinto que é mesmo uma missão difícil para você. Você tem talento ao tentar transmitir segurança, mas algo em você denuncia que ainda não está certo de que é mesmo esse o caminho que quer seguir.

- De qualquer forma eu já fiz minha escolha.

- E eu também: irei contigo. Mas tenha cuidado, eis o primeiro conselho que te dou. Não se confia em ladrões...

Quando Zand ressurgiu daquelas trevas trazendo uma espada azulada com a inscrição “E-64”, Halkond e Azkelph estavam sentados encostados na parede, e Rubi foi quem primeiro o viu, saltando em seus braços.

- Demorou tanto!

- Eu disse que voltaria.

Zand sabia que a Eve-64 não era uma espada mágica qualquer. Sabia que para conseguir utilizá-la precisaria lidar com o ego e o orgulho de Eve. Caso a levasse sem o consentimento de Eve, tudo poderia terminar mal. Felizmente, soube conduzir tudo e Eve está no grupo. Mesmo na forma de uma espada, Eve estava como mais um membro do grupo, por escolha própria.

Talvez por ser bardo, já que bardos têm uma sensibilidade especial para conhecimentos históricos e lendas, às vezes pegando as coisas em pleno ar... Talvez por qualquer outra razão misteriosa, mas no momento em que empunhou a espada formou-se um forte elo entre Zand e Eve. E Zand passou a saber de muitas coisas: confirmação de alguns conhecimentos históricos, alteração de outros. Soube que a Eve-64 também tem uma maldição: se ficar parada muitos dias, atrai criaturas mortas e de planos espirituais. Nada muito grave, porém. E que Eve, como guerreira, já matou um dragão vermelho antes.

E o grupo continuou sua jornada de volta de Surdi.

Episódio 40: Preparativos

- Então essa é que é Rubi? - Willen sorri à porta de casa ao receber o grupo viajante e faz uma careta engraçada na direção de Zand, insinuando qualquer coisa. - Entrem! Fiquem à vontade!

Já é tarde, quase de noite. Na sala apertada, Zand e Rubi dividem o sofá, enquanto Azkelph e Halkond se sentam em bancos de madeira. Logo o velho Willen retorna, acompanhado de uma jovem loira de cabelos curtos e olhos verdes. Traços delicados e jeito de moço do interior.

- Esta é minha filha Tila.

- Prazer! - Todos a cumprimentam.

- Não precisam me dizer porque vieram, eu sei. Tila, permaneça conosco, a conversa não diz respeito diretamente a você, mas você tem que estar a par do que houver. Vocês têm algum plano?

“Seu mestre parece ser um bom guerreiro, inteligente e objetivo.” Zand ouve a voz de Eve dentro de sua cabeça. “É, ele é sim.”

- Bem, já estivemos lá uma vez. - Halkond começa - Vamos nos teleportar para a entrada da caverna...

- Ela vai perceber nossa presença. - Willen retruca.

- Como assim?

- Como vocês chegaram da outra vez?

- Fomos até a entrada...

- De que forma?

- A pé, mas...

- Por isso ela não percebeu vocês.

- Ele tem razão. - Zand complementa. - Magias de teletransporte são desastradas para criaturas místicas. Elas sentem seu uso nas proximidades.

- Realmente, elas são pesadas... - Azkelph coça a cabeça. - Usam mais fluxo de mana do que a grande maioria das magias, mas dragões percebem isso?

- Percebem. - Zand confirma com autoridade, até por ter a opinião de Eve em plena concordância com sua própria.

- Então magia vai ser inútil? - Azkelph se indigna.

- Não, claro que não! - Willen responde. - Magia vai ser de absoluta importância. Vamos enfrentar uma criatura mágica, temos que ter magia do nosso lado para que o confronto seja mais equilibrado.

“Odeio magos.” Eve comenta a Zand. “Povo fresco! Agora vem esse com crise de não-sirvo-pra-nada...” Zand apenas sorri.

- Mas pelo que vejo, no caminho até o dragão devemos seguir contando só com nossa cautela, não é? - Rubi pergunta.

- Dragão?! - Tila se levanta assustada, com a mão no peito.

- Calma, minha filha... É um dragão sim. Seu pai vai vai lá com Zand e seu grupo.

- Mas pai?! Um dragão!? O senhor não está em idade desse tipo de coisa... E um dragão? É demais! Perigoso demais!

- Sabemos dos riscos, mas somos um grupo experiente, pelo que Zand falou e pelo que posso ver.

- Mas pai!

- Tila, não se incomode com seu velho... Eu já estou com os dias contados mesmo... Se eu morrer nessa missão, morro feliz. Se sobreviver, te trago um monte de presentes.

- Pai... - Ela o abraça chorando. Meio sem jeito, Willen apoia a mão nos fios loiros da filha. Dá um sorriso sem jeito para as visitas.

“Pelo que Willen falou, ela o conhece há pouco tempo, mas se apegou tanto a ele...”

- Já perdi minha mãe. Não quero perder o senhor...

- Tila... Filha, me olhe... Enxugue essas lágrimas. Você vai me perder um dia! Eu sou muito mais velho que você e essa é a lei natural. Você tem que estar preparada para a vida. Por isso venho te ensinando carpintaria... Para quando eu for embora você não ficar entregue ao mundo...

- Pai... - Ela o abraça forte.

Pouco depois, Tila vai para a cozinha, ainda chorando, preparar um jantar. Só então as discussões podem prosseguir em paz.

“O casalzinho é que vai ter que conduzir o grupo.” Eve comenta com Zand. “Nada de magias ou técnicas mirabolantes. Vocês vão ter que ir até as proximidades do esconderijo para então darem um jeito de entrar. E tudo terá que ser feito com todo cuidado para evitar chamar atenção. Ninguém melhor do que uma ladra ajudada por um bardo para fazer isso. E o Halkond também parece levar jeito para essas coisas...”

- Vamos a Erans a cavalo e de lá seguimos a pé. - Sugere Willen.

- Não Erans. - Zand rejeita a ideia. - Foi em Erans que a Knova me procurou. Ela pode nos descobrir lá. Diwed foi onde ela me deixou, então também não é uma boa ideia...

- Sobra Vigu então. - Rubi fala.

- Não é tão perto da Serra do Fogo, nem tão grande. Talvez por isso mesmo seja perfeita. - Zand concorda com a ideia.

- Então partimos para Vigu amanhã de manhã. - Willen fecha a questão.

- Tudo bem, mas todos vão ter que concordar com algo, para o sucesso da missão. - Zand fala, ao lembrar os conselhos de Eve. - Rubi e eu vamos conduzir o grupo e vocês vão ter que seguir tudo o que dissermos, pois nós entendemos – ela melhor que eu – sobre como agir com discrição, sem sermos percebidos.

O grupo concorda com a cabeça, enquanto Rubi beija Zand carinhosamente, como uma forma de agradecimento pelo reconhecimento de seus talentos e por ele se colocar ao seu lado como co-guia em busca do dragão.

Episódio 41: Chegando na Serra

O dia amanhece e Zand está na varanda da pousada olhando a paisagem. Com Eve-64 nas mãos, avistando os primeiros sinais de vida na pequena cidade de Vigu.

Dedos delicados deslizam por seus cabelos.

- Já acordou? - Pergunta a Rubi.

- O que houve, meu “Nazavo”? - ela sorri enquanto se senta perto dele. - É por causa do dragão? Não se preocupe. Vamos nos libertar desse monstro. Você sabe que é a forma de vivermos em paz...

“Você é uma boa pessoa. Você já se meteu nisso, mas tenha cuidado com a forma como as coisas caminham.” A voz vem de Eve e somente Zand ouve, dentro da cabeça.

- Sei... - Zand olha para ela um pouco e desvia o olhar para o horizonte.

- Você está tão aéreo... Tou começando a ficar com ciúmes dessa espada...

Zand dá um sorriso discreto e beija Rubi.

- Está tudo bem...

- Cansei de andar a pé... - Azkelph reclama.

Zand nem ouve mais Eve falar dele. Daqui já se pode ver a Serra do Fogo.

- Então da outra vez vocês entraram pela gruta principal... - Zand comenta com Rubi.

- Foi.

- Tiveram sorte de a Knova não estar em casa...

- Verdade. Mas ela estava por perto, tenho certeza.

- Dessa vez ela deve estar em casa. Temos que pensar em um outro caminho.

“O covil do dragão fica naquela montanha maior. A noroeste há um lago enorme no vale. A erosão deve ter cavado a terra. É bem provável que haja passagem para o salão principal ou que esta passagem seja facilmente providenciada.”

- Pra quê que a gente tem que se preocupar em entrar ou não pela porta principal? - Halkond pergunta. - A gente não está vindo pra dar cabo mesmo desse dragão?

- Um bom aventureiro precisa ter sorte, mas não confia totalmente nela. Faz sua parte. - É Willen quem responde.

- Eu me lembro de um lago mais à frente. Certamente há cavernas ligando o lago à casa de Knova. - Zand fala para o grupo. Além da sugestão de Eve, ele próprio também se lembra desse lago.

- Quer dizer que a gente vai ter que dar a volta isso tudo pra chegar na caverna? - Halkond protesta.

- Faz parte...

- Vai demorar muito!

- Não vai. Temos provisões suficientes. - Rubi entra na conversa.

- Ora, que pressa a sua! - Willen fala novamente. - Eu que estou indo pra minha última aventura, isso depois de anos parado, não estou tão nervoso e ansioso assim! Se acalme que tudo vai dar certo. Tudo a seu tempo.

Rubi segura a mão de Zand e cochicha em seu ouvido.

- Me leva no braço? Estou cansada...

Ele sorri e a abraça em resposta.

- Não se preocupe. - Ela completa, antes de beijá-lo. - Não preciso ser carregada por ninguém. Você sabe que eu tenho muita energia...

- Falta muito ainda, droga! Por que em viagem o destino é sempre muito mais longe do que parece? - Azkelph caminha reclamando.

- Ainda levaremos pelo menos duas horas pra chegar lá. - Rubi comenta.

“ Três e meia, no mínimo.”

- No mínimo. Na verdade, pelo tipo de terreno, eu diria que perto de quatro horas... - Willen complementa.

Azkelph para um pouco, pensativo, então fala.

- Ei, vamos em busca de um lago... Isso significa que teremos que passar por ele?! Mas eu não sei nadar!

“Eu odeio mesmo magos...”

- Vocês todos! Prestem atenção! - É Rubi quem chama. - Estamos nos aproximando cada vez mais do covil. A cada passo aumenta o perigo. Vamos agir como aventureiros de juízo e fechar a boca, pode ser?

Episódio 42: A Passagem

Uma refeição rápida ou meia refeição, depende do ponto de vista. Isso e logo eles chegam diante do lago. A água é morna e a paisagem é quente. Bonita, avermelhada, mas quente.

- Agora temos que mergulhar pra procurar uma passagem? - Azkelph pergunta.

- Talvez. - O mestre Willen responde.

Quando se dão conta, Rubi e Zand já foram adiante, contornando o lago. Eles e Halkond, que haviam se sentado para descansar, se levantam para acompanhá-los.

- Pra onde estão indo? - Halkond pergunta.

- Procurar uma passagem que possamos utilizar sem precisarmos mergulhar no lago. - Rubi responde.

- Boa ideia. - Azkelph comenta então. - Não estou muito a fim de me molhar, sabe?

“Fresco.” Zand ouve a voz de Eve e fica pensando... Se Eve fosse viva, Azkelph já estaria morto a essa altura...

O lago é mesmo muito maior do que haviam pensado, mas à medida em que o contornam, veem as pedras da montanha fazerem um desenho diferente nas proximidades do lago: há possibilidade de isso ser uma passagem alternativa para o interior da caverna.

- Se não tiver entrada a gente faz o quê? - Azkelph pergunta.

- Tentamos dentro da água e por cima, escalando. - Rubi responde, sem nem olhar para ele.

É como se Azkelph estivesse com um pouco de má vontade ou talvez insegurança por não ter podido utilizar a magia de teletransporte.

Levam um bom tempo para chegarem até lá. Os pés na água até os joelhos e eles vão se aproximando do que ao longe parecia ser uma abertura.

- Esse lago é imenso! E parece tão raso...

- Ora, mago - Willen responde -, pode ser raso sim, a água não se movimenta em um lago, vai ver por isso tem pouca erosão.

- Faz sentido...

- Que ótimo! - Rubi dentro da água, só com a cabeça de fora, analisa o pé da montanha. - Isso é mesmo uma passagem! Estamos com sorte!

- Ótimo! Então vamos... - Halkond se apressa, mas Rubi o impede.

- Espera. Deixe-me buscar armadilhas.

- Armadilhas?! Que criatura insana botaria armadilhas numa montanha, num lago? Aqui não tem nenhuma construção artificial, está vendo não?

- É a força do hábito. Pode haver uma armadilha sim. Eu mesma não quero arriscar.

- Deixe Rubi tentar. - Zand intervém. - É sensato e não custa nada.

Rubi agradece com um sorriso e começa a estudar os relevos das pedras, tentar ver o que há sob a água...

- Não precisava. A gente está perdendo tempo demais! - Halkond fala, já sem a presença de Rubi.

- Calma lá. Ela sabe o que faz. - Willen responde. - Estamos em uma missão em equipe. Não se consegue nada em equipe se não confiamos uns nos outros. Armadilhas são o ofício dela, então não vamos nos meter no que não entendemos.

Mais de quinze minutos se passam no exame cuidadoso de Rubi. O grupo espera encostado nas pedras. Enfim, ela se mostra, toda molhada.

- Pronto. Podemos ir. Não há armadilhas.

- Sério!? - Halkond pergunta, zombando. - Jura? Nossa! Agora estou realmente muito surpreso!

Rubi o encara por alguns segundos e puxa o braço de Zand.

- Vamos andando que a viagem é longa.

É um espaço por onde mal passam duas pessoas. O teto muito baixo e muitas curvas. Saem da água, para depois voltarem a mergulhar até perto da cintura. Vão Rubi e Zand na frente, seguidos por Willen, Azkelph e, por último, Halkond. Halkond leva a tocha.

Ideia de Rubi, por precaução. Há muitas curvas e não há como saber em que curva cairão em um outro ambiente, talvez onde esteja Knova até. Melhor usar o mínimo de luz possível para evitarem ao máximo serem vistos.

- Que pena que não estamos só nós dois aqui... - Rubi cochicha para Zand. - Essa água morna está me dando umas ideias...

Zand sorri em resposta. Ela cola seus corpos e o beija, quase conseguindo trazê-lo de volta de seus pensamentos.

- Em pouco tempo estaremos livres. - Ela fala em seu ouvido.

Zand suspira e a abraça forte. Ele sabe disso. O plano era este mesmo. O que ele não sabe mais, agora que estão cada vez mais próximos de Knova, é se ele quer realmente “ser livre”...

Episódio 43: Aberturas

O caminho prossegue por aqueles corredores. Nesse ponto, todos estão tentando fazer o mínimo possível de barulho. De repente, Rubi para e se abaixa.

- O que houve? - Zand pergunta, baixinho.

- Olhe.

Ela mostra na parede uma abertura pequena, de menos de dez centímetros, à altura do diafragma. Rubi gesticula para Azkelph, que trata de apagar a tocha que Halkond trazia antes que ele se aproxime do lugar.

- Dá pra ver que estamos no caminho certo.

Através da abertura, pode-se ver que há uma área enorme. Não dá pra medir tudo com precisão, mas nota-se claramente que passaria uma criatura gigantesca por ali. Talvez um dragão.

Rubi se acomoda e observa atentamente, coletando as informações que puder. Enquanto isso, o grupo se senta próximo e permanece no escuro, esperando uma resolução da líder.

Finalmente ela se afasta e se encosta na parede, sentada também.

- Então... - Azkelph começa a falar, mas é interrompido por Rubi.

Ela arrasta o grupo por dois minutos, num caminho de volta, então eles param e reacendem a tocha.

- Estamos no caminho certo. - Começa enfim. - Em último caso, bastaria a gente quebrar a parede e cair dentro do salão principal.

- Grande! A gente fazer esse rodeio todo pra perder o fator surpresa no fim!

- Claro que não é nossa ideia fazer isso, Halkond. É só no caso extremo.

- Então, - Willen se pronuncia - a gente continua nesse corredor em busca de uma passagem real, que não precise ser explodida.

- Certo, mas eu estava pensado em outra ideia... - Rubi fala e todos esperam para ouvir o que ela planeja. - Há uma passagem mais acima logo ali, antes do buraco na parede. Desconfio que ela contorne a caverna por cima. Se for isso mesmo, é ótimo, pois podemos nos dividir e fazermos um ataque em duas frentes.

- Parece interessante. - Halkond fala.

“Pode ser perigoso, mas ela tem razão. Ladinos são especialmente hábeis com oponentes distraídos ou encurralados...”

- Então você vai com cobertura e outro grupo continua aqui, certo? - Willen conclui. - Zand vai com você, pois os dois são mais habilidosos em não fazer barulho.

- Não. - Zand finalmente fala, quase ao mesmo tempo em que ouve a voz de Eve em sua mente dizendo também “Não!”. - Vou chamar a atenção de Knova e estragar a ideia de Rubi. Infelizmente, Rubi e eu temos que nos separar.

- Verdade... - Rubi fala, meio sem graça. - Então quem vem me dar cobertura?

- Façamos o seguinte. - Willen sugere - Vocês já estão acostumados em agir em equipe e nós aqui nos entendemos, então por que não vão vocês três para lá enquanto nós dois procuramos outra passagem por aqui?

- Boa ideia... - Rubi fala, um pouco triste. - Então deixa ver... Quando encontrarmos uma passagem do outro lado, a gente dará um jeito de fazer barulho. Aí vocês entram.

- Se não tiverem achado uma passagem ainda? - Halkond questiona.

“Não tem problema. Posso abrir a parede para nossa entrada na sala principal.”

- A gente dá um jeito. Não se preocupem. - Zand assegura. - Quando ouvirmos o sinal.

- Um trovão está bom? - Azkelph pergunta, começando a se empolgar.

- Certo. Quando ouvirmos um trovão, a gente estará dentro da arena também em pouco tempo.

- Ok, mas estamos planejando muito sem ter algumas certezas. - Willen fala. - Primeiro: a passagem por cima realmente leva a um corredor?

- Isso vou ter que ver com calma... - Rubi responde.

- Tudo bem. E outra: não basta encontrarmos a passagem. Esse canto aqui se tornou uma armadilha para o dragão. Depois de encontrarmos a passagem, teremos que esperar o dragão passar para podermos fazer a entrada e o ataque.

- Correto. - Halkond fala. - Então vamos dividir as provisões pois isso pode levar muito tempo. E se não der em nada, a gente volta e procura vocês.

Provisões divididas, o grupo cautelosamente volta em direção à abertura na parede. Antes de chegar lá, porém, param. Rubi aponta para cima.

Há uma entrada na parede, justamente do lado da grande caverna por onde anda Knova. Rubi beija Zand em despedida e sobe, apoiando-se nos companheiros.

Passa um bom tempo até que uma corda apareça pela passagem por onde Rubi entrara e sumira. Azkelph vai em seguida e, por fim, Halkond.

Zand e Willen esperam que os três sumam de vista, então caminham eles próprios, com Zand no controle, em busca de uma outra abertura na parede. Uma abertura por onde possam passar eles próprios.

Episódio 44: Mestre e Aprendiz

Zand vasculha as paredes em busca de um caminho até o salão principal do covil de Knova. Pouco atrás vem seu mestre Willen, levando uma tocha que ilumine seus passos e, um pouco ao menos, os de Zand.

Alguns minutos e a tocha apaga. Willen se aproxima de Zand.

- Olha – fala em voz baixa. - Bem curioso esse grupo da sua namorada, sabia?

- Por que diz isso? E fale baixo.

- Eu sei. Estou falando baixo. Você os conhece há pouco tempo, não é?

- É.

- E o que acha deles? Desse Halkond e desse Azkelph?

- Olha, Halkond me parece meio irritado sempre. É como se tivesse ciúmes da Rubi.

“Foi o que também percebi.”

- Não só isso. Algo nele não me cheira bem... Me parece um sujeito muito estranho.

- O que acha exatamente?

- Não acho exatamente nada. Só que devemos ficar de olhos bem abertos nele. Algo me diz que ele está tramando alguma coisa.

Zand baixa a cabeça ao lembrar o plano de matar Knova...

“Não despreze os concelhos de seu mestre, aventureiro... O grupo de sua namorada – como diz seu mestre – não parece um grupo exatamente honesto.”

“Eve, eu sei... Eu sei que posso estar correndo riscos, mas os dois caminhos são arriscados e eu escolhi um. Quando estamos diante de dois caminhos perigosos, não adianta se queixar dos perigos. Só escolher um e contar com a sorte, torcendo para ter sido o caminho mais acertado.”

“Nisso você tem razão.”

- Podemos prosseguir agora? - Pergunta ao seu mestre.

- Por gentileza...

Zand volta a procurar passagens nas paredes.

“Enterrar de vez esse dragão vai te fazer bem.”

“Espero que faça.”

“Pelo que entendi é algo muito doloroso e antigo, aventureiro, esse problema que enfrenta. Melhor mesmo encerrar de uma vez. E te admiro muito.”

“Por quê? Você que sempre foi uma guerreira admirável.”

“Porque sinto perfeitamente a dor que você sente neste exato momento. Sua decisão é difícil, Zand. Mas mesmo assim você segue nesse caminho que escolheu, mesmo sem ter certeza se é ou não o caminho certo, se é mesmo capaz de encarar o dragão de novo, desta vez na posição de inimigo.”

“Obrigado.”

Na escuridão da caverna, somente Eve e Zand sabem que lágrimas passeiam por seu rosto. As lágrimas e o diálogo telepático se passam sem serem notados por Willen.

“Sabe, Zand... Desde que essa tragédia aconteceu em minha vida e eu fui habitar em minha arma, muita coisa mudou. Acho que amadureci muito. Foi um castigo merecido, eu diria...”

“Como assim, Eve?”

Zand continua e o caminho começa a se inclinar para cima, mas uma inclinação pequena, menos de trinta graus. Ele segue, atento, seguido a alguns passos por seu mestre.

“Nem lembro quanto tempo faz. Deve fazer meio século, presumo... Eu era obcecada demais. Fria demais. E desde que essa maldição me ocorreu, sou obrigada a pensar e sentir mais. Sou obrigada a perceber com clareza o que se passa no coração de quem empunha essa espada. Você é um guerreiro valoroso e tem um coração bom. É o que digo.”

“Obrigado, mais uma vez.”

“Deve estar se perguntando por qual razão estou te falando isso... Nunca comentei essas coisas sobre mim própria com ninguém, mas é algo que eu sempre quis dizer. E sinto como você é uma pessoa confiável.”

“Muito obrigado, Eve. Fico lisonjeado.”

“Essa batalha contra o dragão será difícil. Mais pela situação em que você se encontra do que pelo dragão propriamente. Mas não se preocupe, eu estou do seu lado.”

Episódio 45: Zand e Eve

O caminho inclina para baixo, onde Zand e Willen passam por algumas poças de água morna, depois volta a inclinar para cima. Deve fazer quase meia hora que eles andam, a passos muito lentos, por essa caverna da Serra do Fogo.

“Será que estamos no caminho certo?”

“Estamos, aventureiro.”

“Temo, Eve, que talvez tenhamos subido demais...”

“É verdade, mas não tanto assim. Eu tenho um bom senso de direção. Ainda estamos à altura da caverna principal, ao menos da altura que ela tinha lá atrás.”

“Que bom. Vamos continuar então.”

“Zand, tenho algo a dizer. Trata-se de uma sugestão, na verdade. Talvez seja meio cruel para você, mas você deve estar pronto para ouvir isso a essa altura.”

“E o que é?”

“Já ouviu falar em armaduras de escamas de dragão?”

“Já...”

“São muito provavelmente as melhores armaduras não mágicas que se pode forjar. E elas também recebem muita magia, para aqueles que desejam torná-la ainda mais eficiente.”

“Eu sei disso... Mas não tem sentido...”

“Eu sei que não. Você quer esquecê-la, no final das contas...

“Exatamente...”

“Não fique triste, trata-se apenas de uma informação que julguei importante. Além do mais, eu detenho o conhecimento necessário para se fabricar uma armadura dessas...”

A tocha se apaga mais uma vez. Zand para e espera a aproximação de seu mestre.

- Estamos no caminho certo?

- Sim, devemos estar. - Zand lhe responde.

- Espero que sim. É que já andamos muito por aqui e a qualquer momento o grupo da Rubi encontra a passagem do outro lado e entra. Temos que estar preparados.

- Eu sei disso.

- Sabe o bastante? Se eles entrarem em ação exatamente agora, nós levaríamos pelo menos três minutos para aparecer. Três minutos podem ser cruciais num momento assim.

“Se eles entrarem agora, eu dou um jeito de colocar vocês no corredor principal.”

- Calma, velho mestre. Eu sei o que faço. Não estamos sós aqui. O grupo foi dividido de maneira igual...

- Como assim?

- Ora, que gafe a minha... Não te apresentei Eve.

- Quem é Eve?

- Nunca ouviu falar de Eve-64? Ou de Eve?

- Não.

- Era uma grande guerreira de tempos antigos.

- Hmmm...

- Ela terminou ficando presa em uma arma mágica, a Eve-64. E ela...

- E ela está com você?

- Está.

- E você fala com ela?

- Falo sim.

- Que história mais estranha! Dá minhas lembranças a ela então! Quer dizer que no fim das contas, a equipe foi dividida em três pra lá e três pra cá...

- É o que estou dizendo.

- Mas como...

- Eve sabe o que fazer para nos colocar dentro do salão principal se não conseguirmos encontrar uma passagem antes de Rubi entrar em ação.

- Nesse caso, Zand e Eve, vamos em frente! - Dá um passo e comenta baixo. - Zand e suas fêmeas... Espero que não se apaixone pela espada também...

Episódio 46: A Espera?

A caverna estreita se curva em direção ao centro da montanha. Ainda está inclinada e como uma ladeira.

“Agora talvez estejamos nos afastando, Zand.”

“E o que fazemos?”

“Se não houver um caminho de descida, teremos mesmo que voltar.”

“Droga.”

Eles seguem. Zand pensa se não vão terminar encontrando o grupo de Jasmim do outro lado. Afinal, estão se dirigindo para lá. É bem possível que os dois caminhos levem ao mesmo lugar...

De repente Zand se vê diante de um buraco. Abaixa-se e tenta entender o que está havendo.

O buraco não é muito fundo, ou seja, não cai direto na caverna. De repente, Zand tem a impressão de ver um brilho a uns dez metros, num corredor seguindo por esse buraco.

“Não vá por aí. Encontramos.”

“Como assim?”

“Esse piso parece muito frágil. Pode resistir o peso de vocês ou não. De qualquer forma, fará barulho. Então melhor esperar aqui.”

“Tem certeza?”

“Não dá para ter certeza, mas é altamente provável que quebrando este chão o grupo caia exatamente no meio da caverna e, se o grupo da sua namorada teve sorte, a uma boa distância deles. Podemos encurralar o dragão aqui.”

“Que bom. Então vamos esperar. E o que terá sido aquela luz? Pode ser Rubi...”

“Pode. Se for, eu estou totalmente equivocada e essa passagem não vai para dentro da caverna. Ainda assim, é melhor o grupo se juntar para decidir o que fazer, caso seja esse o caso.”

“É, você está certa.”

Zand recua dois passos e se senta, esperando a aproximação de Willen. Os dois ficam sentados próximo ao buraco na caverna, a postos para entrarem a qualquer momento.

- Tem certeza que é uma passagem? Você viu a caverna?

- Não, mas Eve...

- Zand, meu caro aprendiz... Não confie cegamente nos outros. Esse caminho que fizemos é muito torto para que se possa dizer facilmente se continuamos ou não no caminho certo.

- Eve foi uma guerreira muito experiente antes de ter acontecido isso com ela.

- Tenha cuidado, Zand. Você fica cego quando se trata de mulheres. Primeiro foi esse dragão. Se envolveu com ela sem nem perceber que era um monstro. Depois sua namorada ladra e agora essa tal de Eve. Tenha cuidado, muito cuidado.

- Com todo o respeito, meu mestre, mas não fale besteiras. Não há nada entre Eve e eu, nem é possível haver.

- Se você diz... Só espero que isso tudo não termine da pior forma.

“Não tenha raiva do seu mestre. Ele tem razão em se preocupar. Ceticismo é uma qualidade.”

“Acha mesmo?”

“Acho. Sempre agi sozinha, ou liderando ajudantes. Você conhece minha história.”

“Claro...”

“Sabia que há vários tipos de dragão, não apenas os vermelhos, não é?”

“Sei sim.”

“Há dragões metálicos, dragões cromáticos... Havia um catálogo enorme, porém nem todos se pode ver hoje.”

“Dizem que se perderam em outra dimensão, não é?”

“Ou que a maioria deles estão em um plano paralelo ao nosso. Sinceramente, depois do que aconteceu comigo, não duvido mais de nada...”

Episódio 47: Embrancas de Knova

Zand abre os olhos cansado. Diante deles vê um rosto lindo em meio a cabelos ruivos. No rosto que vê, um sorriso muito sutil, mas também terno. Um sorriso difícil de descrever, quase maternal e protetor, em um rosto decidido. E aquele olhar firme.

- Bom dia, Knova!

- Bom dia, Zand.

- Faz tempo que se acordou?

- Faz. Você se mexe muito dormindo, não dá pra dormir direito.

- Desculpa...

- Não se incomode.

Um dragão vermelho voa, levando Zand no dorso até o topo da montanha. Zand desce e logo se aproxima a ruiva e fica do seu lado, vendo o por do Sol.

- Não sabia que dragões eram tão românticos. - Zand deixa escapar num suspiro, olhando nos olhos de Knova.

- O que é ser romântico?

- Ah, essas coisas... Querer estar junto, ver a paisagem. Isso de ficarmos meio bestas por alguém.

- O que quer dizer com isso? - Sua expressão mostrava raiva.

- Calma, Knova. Não estou te criticando. Estou achando lindo esse lado seu.

- Seu bardo insolente! Escute aqui! Eu...

Zand se aproxima, mas Knova o joga nas pedras e continua, enquanto ele se senta, com os braços arranhados pelas pedras.

- Ninguém me chama de fraca. Ninguém, entendeu! Você agradeça aos deuses o apreço que te tenho. Não fosse isso, não tinha te jogado deste lado, mas daquele. - E aponta para o vale à frente.

- Calma, meu bem...

- Não me peça calma, Zand! - Ela se afasta dois passos e fica olhando as primeiras estrelas, com o rosto para o lado oposto ao lugar onde Zand está. - Não devia ter te trazido aqui.

Zand abaixa a cabeça. O Zand ainda jovem, ainda apenas bardo. Arrependido de ter falado aquilo. Não que

houvesse qualquer problema com o que falara, mas por ter dali nascido um problema.

- "Quando a Lua sequer nasceu
E as estrelas brilham no céu
Eu vejo e não acredito
Seu rosto fica mais bonito!"

- Idiota! Estou de costas!

- "Me deixa te ver outra vez
Desfazer o mal que se fez
Me ame, me beije, não me mate
Oh minha rainha escarlate!"

Knova se vira para Zand, ainda com a cara fechada. Não se nota bem se ainda está com raiva, mas Zand sente que a raiva passou ao ver seus olhos.

- "Knova, por que que é assim?
Te quero e você, quer a mim?
Tão longe do meu próprio mundo
Só pra te ter perto um segundo"

Os lábios finos de Knova esboçam um sorriso discreto, enquanto ela se aproxima.

- "Rainha que vive tão só
Não teme mais nada ou ninguém
Tão linda, gigante, fatal

Será que aqui dentro tem
Espaço para mais alguém
Para um pobre humano normal
Esse pobre humano que é teu?"

Primeiro os dedos de Zand tocaram o peito de Knova enquanto ele cantava falando do "aqui". Logo os dois se beijam à luz das estrelas de um céu limpo, claro e sem Lua...

Um ruído traz Zand de volta de suas lembranças. Um ruído na sala principal e seus dois companheiros lhe mandando ficar em alerta. Enquanto Willen cutucava seu braço, Zand percebia a voz de Eve, tentando lhe falar: "Atenção, aventureiro! Ela está chegando! Ela está chegando!"

Ele ouve os passos. É mesmo Knova que caminha pelo corredor principal, bem abaixo deles...

Episódio 48: Qual Lado?

“Ela passou caminhando... Na forma de dragão mesmo.”

“Foi, Eve. Certamente ela ouviu alguma coisa.”

“Foi o que pensei... Ela deveria entrar voando ou caminhando tranquilamente na forma humana.”

Zand e Willen, a postos, esperam, de cima do “muro”, o momento certo de entrar no salão principal. Não há passagem até lá, mas o chão é fino e Eve já dissera que daria um jeito.

“Knova já passou. Será que Rubi não conseguiu encontrar uma saída a tempo?”

“Não se preocupe, Zand. Apenas esteja preparado para entrarmos a qualquer momento. No fundo pouco importa se conseguiram ou não achar uma saída. Mais cedo ou mais tarde vão encontrar, é quando teremos que agir.”

“E o que você vai fazer exatamente, Eve?”

“Eu faço vocês chegarem lá, o resto é com você.”

Está tudo escuro e Zand e seu mestre quase não respiram. Se houvesse luz, a expressão apreensiva dos dois seria facilmente revelada. Mas não há.

“Não se preocupe, Zand.”

“Entenda, eu estou bem. Não preciso…”

“Eu sei. … Não precisa me dizer que é um aventureiro que já participou de várias missões: eu sei disso. Eu sinto isso perfeitamente. Mas esta é diferente de todas as outras e não é errado ou estranho você estar nervoso, preocupado e confuso.”

Zand não responde.

“Ainda está me ouvindo?”

“Estou.”

“Continue atento. Não se distraia. E não se preocupe que vai dar tudo certo.”

“…”

“O mais engraçado é que não sei se você está mais preocupado com Knova ou com Rubi. Sinto quase como se você quisesse que as duas brigassem entre si para você mesmo não ter que escolher de que lado ficar.”

“Eu já fiz minha escolha.”

“Fez, mas são quase que apenas palavras. Não fez sua escolha com segurança ainda. Fez sua escolha para ter

uma posição a mostrar para os outros, é como se não tivesse feito sua escolha por você mesmo.”

“Você está certa...”

“Não se preocupe. A dúvida é normal quando chega o momento decisivo, o ponto sem volta. Se quiser mudar de ideia talvez nem mesmo haja tempo, mas o momento é este. Este é o ponto sem volta.”

“Não, não posso mudar de ideia.”

“E te digo isso porque gosto de você, apesar de te conhecer nessas condições e há tão pouco tempo. Sinceramente não sei te dizer qual dos dois caminhos escolheria caso fosse eu que estivesse nessa situação.”

“...”

“Então decida-se realmente. No campo de batalha não há lugar para dúvidas: ou você está de um lado, ou do outro. Ou está em um dos lados, ou está contra os dois.”

“...”

“Sinto muito, aventureiro. Seu tempo acabou.”

Quase ao mesmo tempo em que Eve comunica isso telepaticamente, Zand e Willen ouvem um berro monstruoso, seguido de pancadas e sons de eletricidade.

- Vamos! - Willen grita e pula com Zand na parte de piso fraco.

Eve-64 apenas toca o piso e ele se desmancha. Sem saber como exatamente isso aconteceu, estão os dois de pé no meio do enorme corredor, vendo apenas uma luz mais adiante. E eles correm em direção à luz e ao barulho, para cumprirem com o planejado.

Episódio 49: O Ataque Final

A adrenalina distorce o tempo e os passos apressados de Zand contrastam com seus pensamentos distantes. À sua frente, cada vez mais a cena de batalha se torna clara.

“Já pensei tanto se o que sinto por Rubi não é fruto de um tempo de solidão. Não há como ser, há?”

“Sempre há.”

“Ainda está me ouvindo, Eve? É estranho… Essa pergunta era uma pergunta retórica para mim mesmo…”

“Entendo. Desculpe minha intromissão, mas enquanto eu estiver contigo você não estará sozinho. Isso tanto na forma de algo positivo como não. Já fez sua escolha?”

“Já. Vamos continuar com o plano.”

“Tudo bem. Então veja.”

Zand ajusta a visão e já consegue distinguir entre as sombras e, iluminado pelo fogo nas paredes: Knova luta contra os três. É Rubi quem rola no chão e salta sobre um sofá com uma agilidade felina, esquivando-se da garra de Knova, enquanto Azkelph forja um globo mágico para proteger a si e a Halkond de mais um sopro de fogo.

“Vamos acabar com isso rápido. Afaste-se dez metros à esquerda de seu mestre e continue correndo. Eu te guiarei até um ponto vital do dragão.”

“Entendido.”

A voz de Eve tranquiliza o espírito de Zand. Ela está certa: o momento é difícil. E pior que isso, não consegue se concentrar em nada agora, menos ainda num plano. Eve como guia foi o que melhor podia lhe acontecer.

Zand e Willen continuam correndo, chegando cada vez mais perto de Knova.

- Zand, entendi. - Seu mestre lhe fala ao perceber o distanciamento de Zand, que seguia as instruções de Eve. - Vou te dar cobertura. Aproveite.

Halkond trava uma disputa rápida, trocando golpes, com esquivas, usando a Roph-Raph. Aparando as garras de Knova e tendo seus golpes aparados por ela.

Isso prossegue até que Knova percebe a aproximação de mais guerreiros e, num movimento rápido, cospe fogo em Halkond, jogando-o para longe. Ao mesmo tempo, Knova gira o pescoço acertando de surpresa as pernas de Willen, que saltava para lhe aplicar um golpe. Sua espada arranha um pouco Knova, mas muito pouco.

Era o tempo de que Zand precisava. Zand salta e, após apoiar por um instante o pé no joelho de Knova para tomar impulso, crava a Eve-64 em algum lugar entre suas escamas.

Knova grita de dor, enquanto vira a cabeça em direção de quem a agrediu.

Ainda no ar, apoiado apenas por Eve-64, antes mesmo de aterrissar no corpo de Knova, Zand vê aqueles olhos. Naqueles olhos a expressão de surpresa.

Tem a impressão de ver lágrimas naqueles olhos gigantes. É nesse instante que ainda mais cenas passam rapidamente por sua cabeça. Passado, presente e futuro se misturam. E ele relembra, em fração de segundo, o pouco de vida que teve ao lado dela.

Aqueles olhos... Era sempre um olhar parecido, um olhar que cativara o aventureiro e até hoje ainda parecia exercer poder sobre ele.

E é nesta ocasião do golpe, em especial, que Zand finalmente entende aquele olhar. E esse entendimento gela seu coração. Ele percebe que, mesmo com todas as ameaças, a dona daqueles olhos nunca seria capaz de lhe ferir. Que a solidão que aquela alma defendia não era só por arrogância, mas também por medo. Medo de mostrar um sinal de fraqueza a uma criatura tecnicamente

inferior. Naquele instante, aqueles olhos lhe ferem mais do que ele a seu corpo...

Episódio 50: O Olhar de Knova

Tudo aconteceu rápido demais… Um corpo enorme de dragão vermelho repousa assassinado em seu próprio lar. Ferido mortalmente por aquele em que confiava e enfim eliminado por uma arma que já matou outro dragão: a Roph-Raph.

Gravado nos olhos de Zand, aquele olhar triste e surpreso de Knova traz fim à dúvida que ele sempre teve: “Ela gosta mesmo de mim?”. Ao vê-lo, ela podia cuspir fogo ou girar o corpo para esmagá-lo, mas ao invés disso apenas o olhara…

“O que foi que eu fiz…”

Ele abaixa a cabeça e se apoia no corpo de Knova, enquanto o sangue de dragão ensopa suas vestes. Nem ao menos ouve as palavras de Eve dentro de sua cabeça; nem as de Willen, fora.

Os dois questionam onde andam Rubi e Azkelph, que não se encontram na cena do crime. Apenas Halkond, que já recolheu a Roph-Raph e dá alguns passos adentrando mais a caverna.

Sofás e tapetes pegando fogo, mal iluminando o lugar. Finalmente Zand consegue ouvir uma voz distante…

“Zand... Zand... Está aí? Você está bem? Zand...”

“Eve?”

“Acorde.”

“Acabou...”

“Não, não acabou. Olhe.”

Zand ergue os olhos cheios de lágrimas e vê Rubi e Azkelph retornarem para perto de Halkond. Halkond traz, flutuando, algumas esferas de energia estranhas e em sua mão mais um cajado.

Halkond beija Rubi enquanto Azkelph gesticula e balbucia palavras mágicas. Rubi ainda sorri um riso triunfante para Zand, antes de desaparecerem os três em um globo verde, deixando apenas a destruição no lar de Knova...

“Zand...”

“O que eu fiz?!”

“E eu deixei fazer... Me desculpe.”

“A culpa é minha.”

Willen caminha lentamente em direção ao lugar onde Rubi estava agora há pouco, até chegar a um enorme aposento vazio. Então volta.

Seu coração está feliz em parte por ter finalmente participado de uma grande aventura para coroar sua carreira de guerreiro. Mas nunca pensou que seria a esse preço.

Não precisa falar para Zand que sente muito pela traição de sua “namorada”, nem precisa falar que provavelmente aqueles globos que Azkelph trazia eram todo o tesouro de Knova, sob efeitos mágicos que facilitassem o transporte.

Willen sente a ruína em que seu pupilo está. Simplesmente apoia a mão em seu ombro por uns segundos e, sem dizer uma palavra mais, se afasta pela entrada principal, pelo grande corredor, para deixar Zand só.

“Zand?”

Eve pergunta ao perceber a mudança. Zand de repente enxuga as lágrimas e seu olhar e expressão mudam.

Ele se levanta, com raiva e com a força de um insano, começa a arrancar as escamas do corpo de Knova.

“O que está fazendo?

“...”

“Vai querer fazer uma ar...”

Zand arranca mais uma escama com raiva.

“Rubi vai me pagar, Eve! Pode apostar! Quem morreu nesta caverna hoje não foi Knova. ...Foi Zand.”